

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE
COORDENAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA
COORDENAÇÃO DE MONOGRAFIA

DEALÚCIA PINTO FARIAS

MEDIAÇÃO DE LEITURA: UMA BIBLIOTECA ESCOLAR NA
FORMAÇÃO DE LEITORES

JOÃO PESSOA

2017

DEALÚCIA PINTO FARIAS

**MEDIAÇÃO DE LEITURA: UMA BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE
LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia de João Pessoa do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como exigência parcial do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dr^a. Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira

JOÃO PESSOA

2017

F224m Farias, Dealúcia Pinto.

Mediação de leitura: uma biblioteca escolar na formação de leitores / Dealúcia Pinto Farias. – João Pessoa: UFPB, 2017.
54f.

Orientadora: Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Leitura. 2. Mediação de leitura. 3. Biblioteca Escolar. I. Título.

DEALÚCIA PINTO FARIAS

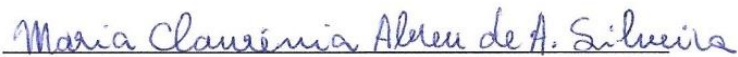
**MEDIAÇÃO DE LEITURA: UMA BIBLIOTECA ESCOLAR NA FORMAÇÃO DE
LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Pedagogia de João Pessoa
do Centro de Educação da Universidade Federal
da Paraíba como exigência parcial do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Dr^a. Maria Claurênia Abreu de
Andrade Silveira.

Data de Aprovação: 08/06/2017

Banca Examinadora:



Dr^a. Maria Claurênia Abreu de Andrade Silveira



Dr^a. Marineuma de Oliveira Costa Cavalcanti



Dr. Fábio do Nascimento Fonseca

Dedico este trabalho à minha família, que me apoiou em todas as decisões e percalços. Aos meus amigos de convivência diária, que contribuíram de diversas formas durante a elaboração, e à Deus que nunca me permitiu desanimar, e me concedeu soluções para todas as dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha querida orientadora e amiga, professora Claurênia, que acreditou neste trabalho e o enriqueceu com seus ensinamentos. Aos demais membros da banca examinadora, professor Fábio Fonseca e professora Marineuma Cavalcanti pela disponibilidade para avaliar o mesmo. Agradeço ainda aos que contribuíram para esta pesquisa com conhecimentos e material de inestimável valor, Karamuh Martins, Cláudia Valéria, Ana Patrícia, Fábio Fonseca, Eduardo Costa e a todos os professores de minha graduação. Aos que me apoiaram sempre: Leidinha, Íris, Jaque, Rose, Graça Cavalcanti, Claudia Savino. Imensos agradecimentos também à minha família, principalmente Guilardo, o meu companheiro, que sempre teve paciência e compreensão com a minha ausência nas horas dedicadas ao estudo, a minha filha mais nova, Sarah, que usou de sabedoria para despertar em mim a força necessária para alcançar o objetivo desejado, as minhas filhas Camila, Carina e Carla que respeitaram meu tempo de distância, ao meu filho Lucas, que me estimulou com suas precisas opiniões, e a minha pequena neta, Luiza, que na sua inocência, me presenteou muitas vezes, com sua alegre companhia entre uma folha e outra deste trabalho. Agradeço aos amigos e amigas pelas palavras de confiança e, especialmente às crianças que convivo na rotina de trabalho da biblioteca, que sabem dar brilho as coisas simples e transmitem esperança aos meus olhos enquanto caminham entre os livros. Não obstante, agradeço a Deus, que certamente me auxiliou em toda graduação e me concedeu a oportunidade de concluir este trabalho.

“Como uma fila de pequenas formigas buscando o açúcar, também as palavras trazem chaves. Destancam destino, abrem história, libertam direções. E mais, fazem brotar a primavera mesmo se o tempo é de inverno.”

(Bartolomeu Campos de Queirós)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a biblioteca escolar na formação do leitor, utilizando a literatura infantil, de forma mediada, como elemento fundamental nesse processo. Mostra a importância do “ato de ler” para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, observando igualmente a contribuição da leitura literária para a construção do conhecimento científico e das experiências representadas pelo conhecimento empírico. Discute-se a motivação para ler, realizada através da biblioteca escolar, no processo de letramento, nos anos iniciais do ensino fundamental, mais especificamente, do 1º ao 5º ano. Analisa-se como, com ações planejadas, a biblioteca escolar busca formas que podem ser consideradas prazerosas para incentivar o hábito da leitura nos alunos da escola à qual oferece seus serviços. Fundamentado por projetos e relatos vivenciados na Biblioteca Infantil Maurício de Sousa, do Colégio Motiva Ambiental, em João Pessoa-PB, o trabalho apresenta a literatura infantil na dimensão escolar, identificando a escola como propulsora do crescimento do seu público leitor. Essa biblioteca escolar constitui-se como um espaço para mediação de leitura, desenvolvendo projetos pedagógicos, que vão diferenciar a qualidade do ensino e acrescentar em vários aspectos, possibilidades de melhorar o desempenho do aluno. Propostas teóricas como as de Soares, Bamberger, Cosson, Colomer, Martins, entre outras, embasam as análises dos dados apresentados e discutidos no trabalho.

Palavras-chave: Leitura; Letramento; Literatura; Mediação; Biblioteca escolar;

ABSTRACT

This work aims at analyzing the school library in the formation of the reader, using children's literature, in a mediated way, as an indispensable issue in this process. It shows the importance of reading for the development of teaching and learning, also observing the contribution of literary reading to the construction of scientific knowledge and the experiences represented by empirical knowledge. The motivation to read is carried out through the school library, in the literacy process, in the initial years of elementary school, specifically, from the 1st to the 5th grade. It is analyzed how, with planned actions, the school library looks for ways that can be considered pleasant to encourage the habit of reading in the students of the school to which it offers its services. Based on projects and reports from the Maurício de Sousa Children's Library of Motiva Ambiental School in João Pessoa, Brazil, the paper presents children's literature in the school dimension, identifying the school as an instigating for the growth of its readership. In this school library there is an area for reading mediation, with developing pedagogical projects that will make the difference as to the quality of teaching and the possibilities to improve student's performance. Theoretical proposals such as those of Soares, Bamberger, Cosson, Colomer, Martins, and others, are crucial to the analysis of data presented and discussed in this paper.

Keywords: Reading; Literacy; Literature; Mediation; School library;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. LETRAMENTO LITERÁRIO, MEDIAÇÃO DE LEITURA: BASE PARA A FORMAÇÃO LEITORA.....	12
2.1 LER PARA APRENDER	12
2.2. LETRAMENTO: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO PARA O APRENDIZADO.....	16
2.3. MEDIAÇÃO: ENTRE O TEXTO E O LEITOR.....	19
2.4. O LETRAMENTO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO DO LEITOR	21
3. A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA	24
3.1 A ESCOLA	24
3.2 BIBLIOTECA: UM ESPAÇO “VIVO”	28
3.3 A MEDIAÇÃO DE LEITURA NA BIBLIOTECA INFANTIL MAURÍCIO DE SOUSA.....	33
4. PROJETOS E VIVÊNCIAS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	37
4.1 A LEITURA EM FUNCIONAMENTO	37
4.2 PROJETO DE LEITURA – MEDIANDO A FORMAÇÃO LEITORA	41
4.3 BIBLIOTECA ESCOLAR: UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO LEITORA.....	47
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	53

1. INTRODUÇÃO

Na sociedade de aprendizagem, na qual os indivíduos estão recebendo informações constantemente, as escolas de educação básica devem direcionar o desenvolvimento das habilidades e competências desses indivíduos para transformar essas informações em conhecimento. As escolas que caminham em um processo lento de quebra do paradigma tradicional de ensinar, estão cada vez mais empenhadas em desenvolver métodos para trabalhar o indivíduo com atividades que articulem os conhecimentos dentro do contexto histórico-social em que ele está inserido. Para tanto, introduzem novas concepções e recursos pedagógicos, para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem.

A biblioteca escolar tem a tarefa de acompanhar as mudanças no processo de ensino, deixando de ser um espaço estático e pouco utilizado, passando a ter um papel fundamental no planejamento pedagógico, como recurso permanente de projetos que envolvem leitura, para formar leitores e pesquisadores na sociedade em que vivem, preparando-os para um aprendizado mais significativo, exigido no contexto atual.

Entre as principais funções da biblioteca escolar, está a de estimular à leitura e à escrita, considerando as informações disponíveis em livros literários, jornais, revistas, internet, articulando com manifestações artísticas, como dramatização de textos literários, contação de histórias, declamação de poemas, entre outras propostas pedagógicas, que contribuem, de forma lúdica e prazerosa, para o desenvolvimento educacional dos alunos.

Por meio de tais materiais, o professor e mediador de leitura podem articular diversos elementos no processo de aprendizagem, como a linguagem, a escrita. Através da leitura literária, o estudante poderá utilizar recursos que o ajudará a participar criticamente das questões culturais e sociais, a resolver conflitos pessoais, abrindo espaço para colocar sua subjetividade, compreendendo o que acontece à sua volta, buscando continuamente novas referências.

Assim, a biblioteca escolar precisa ser reconhecida como um recurso essencial nos processos de ensino e aprendizagem, estabelecendo uma ponte significativa com a sala de aula e a comunidade escolar, no que podemos entender a leitura (e a escrita) como um princípio formador do indivíduo.

Para isto, este trabalho, que parte de uma metodologia de pesquisa ação-participativa, cuja autora atua em práticas mediadoras de leitura, tem como objeto de pesquisa a vivência cotidiana de uma biblioteca escolar da rede privada, Biblioteca Infantil Maurício de Sousa do

Colégio Motiva Ambiental, em João Pessoa, Paraíba. Expõe e analisa algumas de suas propostas pedagógicas, com relatos de experiências e resultados observados por esta pesquisadora, atuante, no dia a dia de seu funcionamento, destacando a importância da literatura infantil no processo formador de crianças, nos anos escolares iniciais, a Educação Infantil e o Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está estruturado em três capítulos distintos, mas integrados nas discussões que o compõem. O primeiro capítulo traz um entendimento sobre leitura, letramento, mediação de leitura e letramento literário, presentes no processo de formação do indivíduo, fundamentado em teorias que compreendem a contextualização dos conteúdos e dos saberes prévios, como suporte para desenvolver o aprendizado no ambiente educacional.

O segundo capítulo está direcionado ao conhecimento da escola em questão, especificamente a Biblioteca Infantil Maurício de Sousa, na perspectiva de discutir sobre a estrutura desse espaço de leitura, evidenciando seus projetos de leitura. Analisa-se essa atuação no que concerne às condições de, no cotidiano da escola, esse espaço destinado à leitura, através da atuação das mediadoras, atualmente, proporcionar um melhor desempenho e estímulo na capacidade leitora dos alunos, desenvolvendo a criticidade, a linguagem, a interpretação e conhecimento diversos.

Como último tópico, no terceiro capítulo, apresentam-se e discutem-se relatos de vivências e experiências, desenvolvidas no dia a dia de trabalho com os alunos e professores da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, no que concerne à sua atuação à Biblioteca campo desta pesquisa sistematizada neste TCC.

Propostas teóricas, como as de Soares (2003), Bamberger (2000), Cosson (2006, 2009), Colomer (2007, 2003), Martins(2003), entre outras, embasam as análises dos dados apresentados e discutidos no trabalho, que visa a contribuir para o incentivo à leitura e ao uso da biblioteca escolar, como mediadora na formação de leitores.

2. LETRAMENTO LITERÁRIO, MEDIAÇÃO DE LEITURA: BASE PARA A FORMAÇÃO LEITORA.

“Cada palavra descortina um horizonte, cada frase anuncia outra estação. E os olhos, tomando das rédeas, abrem caminhos, entre linhas, para viagens do pensamento. O livro é passaporte, é bilhete de partida.”

(Bartolomeu Campos de Queirós)

Neste primeiro capítulo são abordados conceitos básicos sobre letramento literário, no sentido da mediação de leitura, essenciais para o desdobramento deste trabalho. Antes de adentrar ao conteúdo a ser tratado, é necessário que se faça uma abordagem conceitual, com a finalidade de organizar as ideias a serem trabalhadas, delineando as diversas perspectivas de mediação de leitura para favorecer um letramento literário amplo e eficiente.

Com isso, pretende-se que, após firmados os conceitos abordados a seguir, a análise dos dados da pesquisa possam gozar de maior fluidez, sendo possível colocá-la, inclusive, em um panorama prático, conforme será demonstrado nos capítulos seguintes a este.

2.1 LER PARA APRENDER

Na sociedade em que vivemos, a prática da leitura ocupa um processo privilegiado no que concerne ao seu valor como ação que favorece o domínio sobre a maioria das coisas que fazemos todos os dias. Ler e escrever tornam-se necessários tanto na compreensão do mundo como no fazer cotidiano das ações mais rotineiras. Para ter êxito no trabalho, para se locomover, entender as regras da sociedade, refletir, solucionar, compreender e questionar as constantes transformações sociais, culturais, científicas e históricas que envolvem a vida do ser humano.

A leitura favorece, apoia e amplia formas de comunicação em que as pessoas envolvidas dialogam e interagem, através de diversos textos, com diferentes significados, buscando informações e aprendizagens que vêm contribuir para a evolução e a formação do indivíduo. Garcia (2006) exprime em suas palavras que:

Leitura é um exercício linguístico, uma prática que se dá dentro da língua, esta construção simbólica quase perfeita dos homens. Pela língua, com a língua e na língua o homem se comunica com outros, transfere emoções, desloca sentimentos, pensa, constrói e reconstrói significados, situa-se e dá sentido à sua vida. Falando, ouvindo, escrevendo, lendo e assim pensando (GARCIA, 2006, p. 17).

Nesse sentido, é importante reconhecer que a leitura faz parte fundamental do processo de comunicação e das práticas de aprendizagem do indivíduo e que, através desse meio, ele pode desenvolver saberes, contextualizar experiências, compartilhar emoções, construindo, assim, sua formação durante toda a vida. Ler favorece a ampliação das propostas que o indivíduo escolhe para desenvolver, uma vez que a leitura abre caminhos para infinitas escolhas das ações que o leitor intenta realizar.

A leitura participa do desenvolvimento intelectual do indivíduo desde o início de sua existência. No processo de escolarização, mais especificamente na fase inicial de letramento, o professor vai promover as ações que darão início a múltiplos momentos de possibilidades na aprendizagem, na intencionalidade de incluir a criança em propostas pedagógicas que viabilizarão o seu desenvolvimento.

Para compreender como se expressa no indivíduo o desenvolvimento cognitivo é preciso que, referente ao processo aqui analisado, possamos nos debruçar sobre o tema “leitura” com atenção, entendendo o que é leitura, como procede essa ação, como pode ser estimulada durante a formação leitora, estabelecendo considerações que proporcionem novas estratégias para conduzir o educador a esse processo. Nos dizeres de Bamberger (2000):

A leitura foi outrora considerada simplesmente um meio de receber uma mensagem importante. Hoje em dia, porém, a pesquisa neste campo definiu o ato de ler, em si mesmo, como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto (BAMBERGER, 2000, p. 10).

Dessa forma, apesar de a leitura iniciar-se com o processo de decodificação, à medida que o indivíduo evolui dentro dos níveis deste processo, vai, além de decodificar, ganhará competência para compreender o que está lendo, além de buscar inserir aquilo que lê no seu convívio social, dando sentido ao que inicialmente consistia apenas em “códigos”. Segundo Vygotsky (1993),

Uma palavra sem significado é um som vazio; o significado, portanto, é um critério da “palavra”, seu componente indispensável. [...] do ponto de vista da psicologia, o significado poderia ser visto como uma generalização ou um conceito. E como as generalizações ou os conceitos são inegavelmente atos de pensamento, podemos

considerar o significado como um fenômeno do pensamento (VYGOTSKY, 1993, p. 104).

Seguindo o pensamento do autor, a evolução da leitura para o indivíduo se dá através de um processo de busca de conhecimento do mundo que o rodeia, onde tanto aquilo que está escrito deve transmitir uma realidade social, como a realidade social pode ser descrita, registrada, para que outros indivíduos compartilhem e identifiquem-se, a fim de possibilitar a interação dentro deste meio. Desenvolver-se como letrado consiste em conquistar a capacidade de fazer uso eficiente da capacidade de ler, compreendendo e interpretando o que foi lido, além de saber expressar-se também por escrito, nas diversas formas de compor textos de diferentes gêneros textuais.

Considerando a teoria Vygotskiana acerca da necessidade da interação social, dentro das práticas educativas, objetivando a formação do leitor, é importante que o educador pense no contexto social em que está inserido o indivíduo como parte importante no desenvolvimento da capacidade leitora, sabendo-se que todo contato humano se dá por meio de uma leitura. A autora Martins (2003) nos diz que

[...] o conhecimento da língua não é suficiente para a leitura se efetivar. Na verdade o leitor pré-existe à descoberta do significado das palavras escritas; foi-se configurando no decorrer das experiências de vida, desde as mais elementares e individuais, às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural circundante (MARTINS, 2003, p. 17).

Como se depreende, a leitura possibilita o desenvolvimento tanto individual como social do indivíduo, e, ao reconstruir uma e outra experiência, o leitor tomará consciência e/ou repensará o mundo em que vive e o seu papel nesse contexto, com mais autonomia e criticidade, estabelecendo uma relação entre linguagem e pensamento.

Partindo do princípio que a atividade de leitura deve ser fator essencial à formação do indivíduo, cabe à escola despertar nos alunos, primeiramente, o gosto pela prática leitora e, posteriormente, motivá-lo a perceber a importância dessa prática, não somente no âmbito escolar, mas também no meio em que estão inseridos. Nesse sentido, Martins (2003) vem pontuar que

[...] nenhuma metodologia de alfabetização, avançada ou não, leva por si só à existência de leitores efetivos. Uma vez alfabetizada, a maioria das pessoas se limita à leitura com fins eminentemente pragmáticos, mesmo suspeitando que ler significa inteirar-se do mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de “ler pelos olhos de outrem”. (MARTINS, 2003, p. 23)

A autonomia tratada por Martins (2003), quando da leitura não apenas com fins pragmáticos, vem trazer a criticidade, o avanço do desenvolvimento cognitivo, proporcionando a formação integral do indivíduo. Nessa perspectiva, Martins (2003) continua nos esclarecendo que

[...] Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou propiciar acesso aos livros. Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, um quadro, uma paisagem, a sons, imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias (MARTINS, 2003, p. 34).

Para isso, é necessário que o educador, no momento de organizar sua intervenção pedagógica, possibilite aos educandos, na leitura de um texto, saber além do que o texto diz, de que lugar esse texto fala, que concepção de mundo ele representa.

É importante que o educador seja um mediador de leitura que procure conjugar conhecimento técnico e sensibilidade para trabalhar a leitura de variados gêneros, em sala de aula, atraindo a atenção dos alunos e considerando o conhecimento prévio, como forma de motivar a compreensão leitora. Segundo Gadotti (2016, p. 5), “a questão não está apenas no ato de aprender, mas no que se aprende”.

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção de significado do texto, considerando os seus objetivos, o seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, e tudo o que ocorre na narrativa que pode ser articulado com outras disciplinas e temas estudados. Além disso, ler é uma atividade que implica na compreensão sobre aquilo que vai se constituir na leitura propriamente dita, como percepção, reflexão, criticidade, denominado muito bem por Freire (1989) como “ato de ler”.

Apesar disso, a prática da leitura, no geral, é desenvolvida a partir de modelos tradicionais ou concepções errôneas sobre a leitura. Isso quer dizer que determinados objetivos podem não ser atingidos pela prática da leitura (desenvolvimento crítico e cognitivo satisfatórios), uma vez que a metodologia aplicada pode ser incoerente com o contexto social da criança.

Sobre este fato, Solé (1998) diz:

[...] o problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas

equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la (SOLÉ, 1998, p. 33).

Sendo assim, o educador deve ter conhecimento sobre “o que é leitura”, de que forma ele pode atuar para promover uma troca de aprendizagem com o educando, buscando a intencionalidade de propiciar os saberes científicos e de mundo. Além disso, a equipe pedagógica da escola deve, regularmente, realizar discussão das leituras de caráter didático e de caráter literário, também de elaborar atividades e planejamentos que possam mediar o processo de leitura, utilizando metodologias que desenvolvam a teoria na prática, tornando-a significativa.

Considerando o que foi exposto, a leitura realiza-se a partir de um diálogo entre o leitor e o objeto lido. Para confirmar esse entendimento, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (Brasil, 2001) apresentam uma definição de leitura, considerando os sentidos para o termo e as pontuações sobre um processo de leitura significativa:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que se sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferências e verificação, sem os quais não é possível proficiência (BRASIL, 2001, p. 69).

Nessa perspectiva, compreende-se que a leitura exige muito mais do que tão somente o reconhecimento de elementos linguísticos. O processo de realização de uma leitura consistente deve incluir a ação de políticas e metodologias diversas, possibilitando o reconhecimento de sua importância para o exercício da cidadania e a formação cultural do educando. Por esse motivo o letramento se faz indispensável na formação do leitor, conforme veremos adiante.

2.2. LETRAMENTO: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO PARA O APRENDIZADO

Até alguns anos atrás, se pensava e atuava no processo educativo, com a finalidade de alfabetizar, objetivando o ato de ler e escrever para “satisfazer” o sistema econômico, para formar a classe trabalhadora, dentro das necessidades do crescimento industrial. À medida que foram ocorrendo as mudanças na história da educação no Brasil, todo o processo educacional tem tentado se ajustar às demandas da sociedade, buscando também valorizar a cultura e os saberes populares.

Essas novas concepções de educação apontam para a importância de conceber a alfabetização como uma forma de ensinar, não só a decodificar as palavras e frases, mas

também a se constituir como leitor habitual, aquele que faz da leitura um hábito cotidiano, conscientizando o indivíduo de seu papel central na transformação da sociedade. A escola deveria articular-se com essa proposta, considerando as necessidades do indivíduo na conjuntura atual em que se exige cada vez mais uma competência nas capacidades de letramentos os mais variados. Martins (2003) respalda essa colocação, afirmando:

O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação em massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem (MARTINS, 2003, p. 28).

Sendo assim, é preciso entender a relação da literatura com a leitura e a escrita estabelecida na aprendizagem, para favorecer o diálogo do educando com o mundo através da linguagem culta e popular, estimulando seu processo educacional.

O letramento objetiva justamente a reflexão, o ensino e aprendizagem conforme os aspectos sociais da língua escrita. No contexto do ciclo escolar, implica adotar na alfabetização uma concepção social da escrita, em contraste com uma concepção tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual como a aprendizagem de habilidades individuais. É importante pontuar que um indivíduo alfabetizado não necessariamente significa um indivíduo letrado. Assim vem nos esclarecer Soares (2003):

Há, assim, uma diferença entre saber ler e escrever, ser *alfabetizado*, e viver na condição ou estado de quem sabe ler e escrever, ser *letrado* [...]. Ou seja: a pessoa que aprende a ler e a escrever – que se torna *alfabetizada* – e que passa a fazer uso da leitura e da escrita, a envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – que se torna *letrada* – é diferente de uma pessoa que não sabe ler e escrever – é *analfabeta* – ou, sabendo ler e escrever, não faz uso da leitura e da escrita – é *alfabetizada*, mas não é *letrada*, não vive no estado ou condição de quem sabe ler e escrever e pratica a leitura e a escrita (SOARES, 2003, p. 36).

Ou seja, a pessoa letrada passa a ter uma condição social e cultural diversa e, estando inserida na cultura do meio em que vive, além de se tornar cognitivamente diferente, poderá adquirir uma nova forma de pensar. Não apenas o indivíduo letrado adquire a capacidade de ler e escrever – indivíduo alfabetizado – mas, além disso, possui certa criticidade ao utilizar a leitura e expressar-se por escrito. É neste sentido que Soares (2003) vem nos trazer a definição de letramento:

[...] *Literacy* (letramento) é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer

para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la. Em outras palavras: do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever – *alfabetizar-se*, deixar de ser *analfabeto*, torna-se *alfabetizado*, adquirir a “tecnologia” do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita – tem consequências sobre o indivíduo, e altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafo tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. O “estado” ou a “condição” que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por *literacy* (SOARES, 2003, p. 17-18).

Nessa perspectiva, deve-se levar em consideração a realidade do educando, com propostas pedagógicas que se formam a partir da observação da cultura, em particular o uso da linguagem do aluno e do papel da escola. O aprendizado da leitura e da escrita envolvem o aprendizado para ler a realidade, o que se relaciona com os conhecimentos prévios adquiridos no decorrer da vida do indivíduo.

Diante disso, Solé (1998), vem nos afirmar que:

Durante toda a vida, as pessoas, graças à interação com os demais e particularmente com aqueles que podem desempenhar conosco o papel de educadores, vamos construindo representações da realidade, dos elementos constitutivos de nossa cultura, entendida em sentido amplo: valores, sistemas conceituais, ideologia, sistemas de comunicação, procedimentos, etc. (SOLÉ, 1998, p. 40).

Portanto, podemos entender que o contexto de vida do indivíduo, considerando as relações sociais e culturais, contribuem para a sua formação leitora, despertando o interesse em ampliar os seus conhecimentos e buscando informações no texto que vão se identificar com o seu mundo real.

Sendo assim, para que o indivíduo amplie a sua capacidade leitora e a sua condição de amplamente letrado, a sua abordagem da leitura deve ser baseada em textos significativos. Ler precisa ser percebido como uma ação atrativa, satisfatória. Na escola, faz-se necessário que a leitura possa ser desenvolvida em projetos educativos, estimulando e aumentando o prazer de ler.

Determinar o que seja um texto significativo implica, por sua vez, partir da bagagem cultural diversificada dos alunos, que, antes de entrarem na escola, já são participantes de atividades corriqueiras de grupos sociais que, com diferentes modos de participação, já pertencem a uma cultura letrada.

Segundo Leffa (1996, p. 10) “a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio”, pois não lemos “apenas a palavra escrita, mas também o próprio mundo que nos cerca”. Dessa forma, percebe-se que o sentido de um texto sofre influências

do conhecimento de mundo previamente adquirido pelo leitor, que atribui significado próprio ao texto à proporção que vai lendo.

Podemos compreender que a leitura é um processo de integração entre o texto, o leitor, e sua realidade sociocultural. O leitor deve ter a intenção de ler, a capacidade de realizar antecipações e inferências sobre o texto, e, por sua vez, o texto deve atrair o leitor, colocá-lo no contexto de sua realidade, mas fazendo-o se sentir num mundo imaginário, cheio de emoções e prazer.

Esses aspectos analisados sobre o letramento, são fundamentais para introduzir a criança no processo de leitura. O educador deve estar ciente de que ler é um ato de construção do indivíduo e que será determinante para desenvolver seu aprendizado.

2.3. MEDIAÇÃO: ENTRE O TEXTO E O LEITOR

No que se refere a incentivo à leitura, o conceito de mediador adquire dois desdobramentos: o de professor, alfabetizador, educador, profissional voltado para o ensino sistematizado, sendo este o conceito tradicional; ou mediador não formal, preocupado com missões sociais em áreas diversas, como educação, direito, saúde, vida social, família, comunidade, valores.

Para fins de análise, neste trabalho, utilizaremos o termo *mediador* segundo o conceito tradicional, uma vez que nosso objetivo é o estudo da prática da leitura, e dos processos que levam a ela, dentro do ambiente escolar.

A ideia de mediação foi apresentada e analisada por Vygotsky (2007):

Propomos que um aspecto essencial do aprendizado é o fato de ele criar a zona de desenvolvimento proximal; ou seja, o aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas e seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente de crianças (VYGOTSKY, 2007, p. 118).

Para Vygotsky, é a partir das relações interpessoais que a pessoa se desenvolve, já que durante toda a vida ela é exposta a interações sociais que norteiam uma constante construção e transformação, conferindo significados às diversas coisas através da vivência experimentada, acumulando conhecimentos.

Seguindo este raciocínio, a interação de membros mais experientes com membros menos experientes do meio social é parte essencial do aprendizado, interação esta tratada por

Vygotsky como a chamada zona de desenvolvimento proximal, permitindo aos jovens aprendizes que consigam desenvolver por sua própria conta as possíveis soluções para os conflitos que lhe serão apresentados. É nisto que consiste a mediação.

O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em cooperação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte do desenvolvimento independente da criança (VYGOTSKY, 2007, p. 101).

Em um exemplo prático, uma criança com condições biológicas de falar, só desenvolverá a fala se conviver com uma comunidade de falantes que nela estimulem o referido desenvolvimento. Dessa forma, por meio de uma convivência coletiva, vão-se conferindo significados para tudo o que a rodeia, permitindo que ela esteja em constante construção.

Transferindo este pensamento para um projeto de formação de leitor, temos que se trata de um processo direcionado à conquista da autonomia, uma “criação dirigida”, o que significa que cabe ao leitor conectar os dados fornecidos pelo autor e construir, a partir de sua própria subjetividade. Como afirma o filósofo Jean Paul Sartre, “o objeto literário não tem outra substância a não ser a subjetividade do leitor” (SARTRE, 2004, p. 38).

Seguindo esse pensamento, é possível entender que, quando o educador realiza uma prática pedagógica utilizando a literatura, está propiciando ao aluno, além de um crescimento no seu aprendizado da escrita e leitura, a liberdade de se expressar de diversas formas, desenvolvendo a fala, a escrita e a compreensão própria sobre o mundo.

A ação de mediar leitura envolve observação, orientação e interação. O mediador deve ser, antes de tudo, um leitor que tem o papel de colocar-se como ponte entre o texto e o leitor. Nesse sentido, Garcia (2007, p. 95) afirma que o “mediador muitas vezes faz o percurso junto, ele mesmo é um sujeito em processo, alguém que vai formando leitor à medida que vai formando outros leitores. O mediador da leitura nunca está definitivamente pronto: será sempre um vir a ser”. Dessa forma, entende-se que o professor tem a necessidade de uma formação continuada e de um trabalho coletivo na escola que colabore e fortaleça as ações de mediar a leitura, no espaço escolar.

Na construção do conhecimento, podemos considerar a importância de três elementos: Os dois sujeitos que trocam saberes, sendo um deles com mais experiência do que o outro, e a linguagem que vai articular entre eles, organizando as ações do pensamento.

Nesse conjunto, as interações vão se estabelecendo e à medida que intensificam, mais ampla será a consciência dos sujeitos envolvidos, contribuindo assim, para a construção do conhecimento internalizado.

À medida que a criança vai enriquecendo e ampliando os conhecimentos, vai se tornando mais confiante acerca da capacidade para construir a sua subjetividade e gradativamente vai dispensando o mediador, passando a resolver e buscar sozinho seu caminho.

2.4. O LETRAMENTO LITERÁRIO NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Sabendo que a literatura favorece a compreensão e o aprendizado de diversos conhecimentos e temas que convivem com o aluno, e entendendo que, inserido no contexto de seu cotidiano, ele, o aluno, deve estar sempre dialogando com o meio em que vive, entre outras oportunidades de vivências que se apresentam. Assim, é necessário compreender o letramento literário, entendendo sobretudo o papel da escola no que concerne aos letramentos que são oferecidos a esses alunos.

O letramento literário vai trabalhar a literatura em si, esta literatura que ocupa um lugar único em relação à linguagem. Nas palavras de Cosson (2006, p. 17), cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível, transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”.

Tem como enfoque os textos literários o letramento que irá inserir o indivíduo no mundo da leitura e da escrita literárias, de forma privilegiada, conduzindo-o ao domínio da palavra. Assim, para que seja concretizado o letramento literário, o papel da escola neste processo é imprescindível, uma vez que se trata de um processo educativo, sendo que a simples leitura de textos não se faz suficiente, é preciso que se aplique o letramento aos textos literários.

Neste raciocínio, Cosson (2009, p. 67) define letramento literário como “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. Por esta definição fica claro que o letramento literário não é a simples capacidade de ler, mas uma experiência de dar sentido ao mundo ao redor, através da literatura, de atualizar as concepções de vida, de inserir a leitura não como uma capacidade ou obrigação, mas como parte do mundo do aluno.

Martins (2003) vem nos acordar para a seguinte fala:

O que é considerado matéria de leitura, na escola, está longe de propiciar aprendizado tão vivo e duradouro (seja de que espécie for) como o desencadeado pelo cotidiano familiar, pelos colegas e amigos, pelas diversões e atribuições diárias, pelas publicações de caráter popular, pelos diversos meios de comunicação em massa, enfim, pelo contexto geral em que os leitores se inserem (MARTINS, 2003, p. 28).

Ao docente, deve interessar, mais do que transmitir o saber, articular e contextualizar experiências a partir das quais o aluno refletirá sobre suas relações com o mundo e o conhecimento, assumindo o papel ativo no processo de ensino e aprendizagem. Então, para desenvolver no aluno a prática de pensar, os textos precisam ser propostos, no sentido de aguçar a curiosidade, levantar questionamentos, estimular a compreensão da linguagem, de maneira dinâmica e viva.

Os textos literários trabalhados em sala de aula devem ser entendidos como objetos a serem descobertos. Dessa forma, o aluno não precisa trabalhar mecanicamente a memorização descrita do objeto, e sim, o seu real significado. Logo, o envolvimento sobre o assunto abordado na obra literária vai possibilitar ao estudante uma aproximação com a sua realidade, e que, a partir da leitura e seu conhecimento de mundo, o aluno perceberá, com mais “facilidade”, o que está acontecendo ao seu redor.

O desafio do ensino de Literatura e, conseqüentemente do educador, é ajudar os alunos a construir e reconstruir suas interpretações sem simplesmente apresentar para eles leituras já prontas ou construídas pelo professor. Esse processo de ensino e aprendizagem com literatura desenvolve a interação entre o educador, educando e texto literário.

Nesse sentido, o diálogo é fundamental. Segundo Freire (2011, p. 133), “[...] o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história.”

É importante que a ação do professor seja objetiva e que sua prática passe a ser repensada, no sentido de ampliar a noção de leitura, para além do contexto escolar, valorizando cada passo do aprendizado e das experiências adquiridas. O aluno se integra a situações presentes do mundo literário, procurando identificar seus princípios e conhecimentos sociais, históricos e culturais, revivendo na leitura os aspectos encontrados na sua realidade de vida. Assim, o aluno percebe-se envolvido com outros contextos, além dos que estão presentes no espaço escolar.

Conforme Martins (2003),

[...] a perspectiva para o ato de ler permite a descoberta de características comuns e diferenças entre os indivíduos, grupos sociais, as várias culturas; incentiva tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativas (MARTINS, 2003, p. 29).

Assim, a leitura literária, dentro da prática pedagógica (letramento literário), ajuda na formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. Por isso, não pode ser confundida com reprodução de texto. Ao produzir um texto, o aluno é autônomo e subjetivo, e ao lê-lo, ele se torna um crítico, com uma visão de mundo mais geral, participando, de forma mais ativa, do processo de transformação cultural e social, passando a ser o “outro” no texto.

A leitura dos textos literários deve, então, ser precedida de atividades que motivem os alunos a levantar questões a respeito de temáticas que fazem parte de seus interesses e que são relevantes à aprendizagem, para que, desta forma, possa provocar debates, buscando, assim, novos conhecimentos com o objetivo de enriquecer suas vivências, valores e atitudes. Os aspectos humanitários de vida e suas evidências no cotidiano devem ser constantemente estimulados, buscando sempre renovar as perspectivas de melhorar a autoestima e a capacidade de produzir algo para o próximo.

3. A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE MEDIAÇÃO DE LEITURA

“Então, as pessoas vêm até mim, me contam suas dificuldades, seus problemas, e eu apenas pinto as histórias em volta delas.”

(Ilan Brenman)

Este capítulo apresenta os princípios pedagógicos que orientam a escola onde a biblioteca em análise está inserida. Expõe os fundamentos educacionais que apontam para a necessidade de garantir a presença e a qualidade da biblioteca escolar. Descreve a biblioteca em questão, comentando sobre sua estrutura física e organização do acervo, que favorecem o encantamento e o desejo de ser explorada pelo leitor, em processo de formação leitora.

Discute, também, a importância da mediação de leitura na prática das ações da biblioteca, mostrando que a leitura mediada nesse espaço procura oferecer, com prazer, dedicação e competência, material de leitura, alternativas de escolha, reconhecimento de modos individuais e coletivos de leitura, acesso ao acervo com orientação para empréstimo/devolução, acolhida aos leitores, estímulo à compreensão da leitura, numa perspectiva transformadora, fomentando o ato de ler.

3.1 A ESCOLA

A Biblioteca Infantil Maurício de Sousa (BIMS) - no Colégio Motiva Ambiental (CMA) fica localizada no bairro de Tambaú, na cidade de João Pessoa, Paraíba. Essa instituição de ensino da rede privada conta com uma estrutura moderna, exibindo um projeto arquitetônico que disponibiliza espaços amplos de circulação, ambientes confortáveis nas salas de aula. Recebe alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

O presente estudo expõe e discute aspectos da vivência de trabalho desta pesquisadora, na biblioteca, mostrando a sua contribuição pedagógica para o desenvolvimento de alunos em formação leitora, especificamente os que cursam o Ensino Fundamental anos iniciais (1º ao 5º ano), evidenciando a processo de letramento da criança. Considere-se que o acervo dessa biblioteca é especialmente de literatura infantil, sendo direcionada a esse público leitor.

A instituição propõe uma metodologia pedagógica de ensino para a fase inicial escolar, educação infantil e ensino fundamental anos iniciais, voltada para uma abordagem que privilegia o ensino enquanto construção do conhecimento, o desenvolvimento pleno das potencialidades do aluno e sua inserção no ambiente social. A escola utiliza, para isso, os conteúdos curriculares da base nacional comum e demais temas aliados aos valores sociais como amizade, igualdade, liberdade, respeito, responsabilidade, justiça, solidariedade, sendo todos eles trabalhados de forma contextualizada. O objetivo é proporcionar uma base sólida de conhecimentos, pautada em uma educação sedimentada nos quatro pilares fundamentais da educação: *Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*, conforme o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI – Educação um tesouro a descobrir, que no seu quarto capítulo vem nos afirmar que:

Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes (DELORS, et al, 1998, p. 89-90).

A escola dentro de sua proposta, acredita que a criança, durante a sua formação inicial, deve ser preparada para desenvolver seus conhecimentos vivenciando as descobertas realizadas durante o processo de aprendizagem, e se capacitando de forma ampla para seguir como profissional. Essas diretrizes educacionais são designadas na escola, visando conduzir o aluno dentro de um campo favorável ao desenvolvimento dele para a vida.

Ainda no relatório para a UNESCO, Delors explica que:

Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança (DELORS, et al. 1998, p. 89).

Fica claro que os conhecimentos adquiridos ao longo da vida vão construindo uma melhor visão de mundo, e é necessário que, no começo da formação, a criança possa preparar-se, adequadamente, despertando a consciência para a importância de seu papel social e humano.

Dessa forma, a escola entende que *Aprender a conhecer* tem como meta colocar a aquisição dos saberes codificados sob o domínio do aluno para torná-lo capaz de se desenvolver com autonomia, criticidade e criatividade, compreendendo o mundo que o rodeia e contribuindo para o desempenho de suas habilidades profissionais relacionado ao prazer das descobertas que ocorrem durante esse processo.

O *Aprender a fazer* está diretamente ligado à aprendizagem dos conhecimentos que vão favorecer os itens necessários à questão da formação profissional do aluno, colocando-o na condição de pôr em prática os conhecimentos até então recebidos.

Direcionando o aluno a *aprender a viver com o outro*, dá a ele a condição para desempenhar seu papel social e interativo, a conviver coletivamente. A escola tem como meta trabalhar os valores, buscando mostrar a necessidade de se preocupar com o outro, conhecendo assim os meios para uma convivência de interação guiada por responsabilidades, ajustando sua posição no mundo. A escola também trabalha no sentido de o aluno ser apoiado para *aprender a ser*, construindo sua autonomia, pensamentos críticos para decidir e/ou agir nas situações da vida.

Diante desses fundamentos educacionais, adotados na proposta pedagógica, a escola entende que, mais do que preparar a criança para a sociedade que se apresenta, que desde o presente ele se coloque como um cidadão consciente dos seus atos, é preciso fornecer-lhes referências intelectuais que lhes permitam uma compreensão maior sobre as coisas do mundo que os rodeia, correspondendo com um comportamento justo e responsável, respeitando a liberdade de pensamento, sentimentos e imaginação que vão contribuir para desenvolver os talentos e tanto quanto possível, condições para decidir sobre a própria vida.

É considerando esses quatro pilares fundamentais da educação, que os planejamentos pedagógicos vão ser pensados e construídos, envolvendo projetos comprometidos em atender esses olhares evidenciados em torno da formação da criança. Para isso, é de competência dos educadores, professores e funcionários da educação, a formação e a instrução, com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento do pensamento, da ação, do sentimento e das atitudes.

Ainda citando o relatório da UNESCO, são palavras de Delors (1988):

O professor deve estabelecer uma nova relação com quem está aprendendo, passar do papel de 'solista' ao de 'acompanhante', tornando-se não mais alguém que transmite conhecimentos, mas aquele que ajuda os seus alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando mas não modelando os espíritos, e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda a vida (DELORS, 1988, p. 155)

De acordo com o autor, reitera-se, portanto, que o professor deve estar motivado no sentido de melhorar a qualidade do ensino, renovando-se, buscando formação continuada para atender aos aspectos formadores que não são estáticos e que exigem um profissional sempre atualizado para uma nova dimensão da sociedade.

O professor é o responsável funcional pela etapa curricular da alfabetização dos alunos, tonando-se o primeiro mediador de leitura da escola. Por isso, é importante seu engajamento em desenvolver sua prática de conduzir o aluno para uma condição leitora satisfatória à sua formação educacional e, conseqüentemente para sua vida.

Nessa perspectiva de incentivar a leitura, o CMA apresenta, em seu planejamento anual, vários projetos pedagógicos. Um deles, o Projeto Giroletras, que é realizado em sala de aula, nos segmentos de Educação Infantil e Ensino Fundamental anos iniciais, merece destaque por ser um projeto direcionado à leitura e à escrita, e tem como principal objetivo despertar nas crianças o gosto pela leitura, o amor ao livro, a consciência da importância de se adquirir o hábito de ler.

Para esse projeto se realizar durante o ano letivo, cada aluno inicia o processo de leitura com três livros literários que são disponibilizados para toda turma. Os livros vão sendo lidos pelos alunos, “girando” na sala de aula e transformam-se em ferramentas didáticas, articulando o tema com o conteúdo trabalhado em Língua portuguesa, por exemplo, e em outras áreas de conhecimentos.

Nas sextas-feiras, os alunos escolhem um livro para ler no final de semana ou no prazo combinado pelo professor, sendo este livro inserido na prática de produção textual. É importante salientar, que esse projeto de leitura tem a biblioteca da escola como um suporte, no sentido de satisfazer o leitor em dar uma condição mais ampla de procura do livro literário. No entanto, é um projeto que atende ao planejamento de sala de aula.

Juntando-se a esse trabalho do projeto de leitura realizado em sala de aula, a escola dispõe, para professores e alunos, de uma biblioteca infantil e de uma biblioteca juvenil, que se destinam a atender todos os segmentos pelos quais o aluno vai passar em sua caminhada escolar. Seguindo esse pensamento, Bamberger (2000) vem nos acrescentar que

[...] todas as autoridades do Estado, da comunidade e da escola, todos os professores, pais e pedagogos precisam estar seriamente convencidos da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural, se quiserem contribuir para melhorar a situação. Essa mesma convicção deve ser então transmitida aos que estão aprendendo a ler de modo apropriado à fase do seu desenvolvimento (BAMBERGER, 2000, p. 9).

A biblioteca escolar deve se integrar à sala de aula com um papel importante para o desempenho das habilidades de leitura e escrita, ainda oferecendo suporte ao professor na elaboração dos projetos que vão desenvolver o aprendizado da criança.

A Biblioteca Infantil Maurício de Sousa é uma biblioteca escolar que tem, além de sua função técnica organizacional, função pedagógica, contribuindo de forma integrada para os processos educativos.

3.2 BIBLIOTECA: UM ESPAÇO “VIVO”

A biblioteca escolar configura-se como um setor administrativo da escola que detém um papel fundamental na preparação da criança e do jovem no seu desenvolvimento educacional. Schwarcz (2002) afirma que

[...]esse local labiríntico é, entretanto, e acima de tudo, uma instituição, onde se desenham desígnios intelectuais, realizam-se políticas de conservação, elaboram-se modelos de recolha de textos e de imagens. Mais que um edifício com prateleiras, uma biblioteca representa uma coleção e seu projeto. Afinal qualquer acervo não só traz embutida uma concepção implícita de cultura e saber, como desempenha diferentes funções, dependendo da sociedade em que se insere (SCHWARCZ 2002, p.120).

É nesse ambiente, cercado organizadamente por um acervo de livros literários, didáticos, periódicos, entre outros materiais, que se apresentam e se projetam recursos voltados ao estímulo à leitura e a escrita, tão importantes no processo de letramento da criança. Um “mundo” de informações podem ser sugeridos e utilizados na prática pedagógica de forma significativa ao aprendizado.

O livro *Biblioteca Escolar*, direcionado ao curso técnico de formação para funcionários da educação, Pimentel (2007, p.23) vem nos esclarecer que existem vários tipos de bibliotecas, e a biblioteca escolar é aquela que

[...] localiza-se em escolas e é organizada para integrar-se com a sala de aula e no desenvolvimento do currículo escolar. Funciona como um centro de recursos educativos, integrado ao processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo primordial desenvolver e fomentar a leitura e a informação (PIMENTEL, 2007, p. 23).

Além disso, é importante adequar a biblioteca escolar aos hábitos culturais da comunidade que está inserida na escola, procurando explorar textos com temas que estão

normalmente presentes no dia a dia das crianças, conquistando diariamente o interesse em interagir com o acervo. Para Milanesi (1988), a biblioteca:

[...] é, também, um instrumento de leitura do cotidiano com os seus conflitos e problemas. Então, a biblioteca não pode ser algo distante da população como um posto médico que ele procura quando tem dor. Ela deve ser um local de encontro e discussão, um espaço onde é possível aproximar-se do conhecimento registrado e onde se discute criticamente esse conhecimento (MILANESI, 1988, p.93).

Sabe-se que algumas escolas possuem uma biblioteca que funciona com prateleiras de livros estagnados e empoeirados, dentro de um conceito ultrapassado de utilização. Nessas instituições, o livro fica guardado na biblioteca. Não se pensa formas de trazer os leitores para “dar vida” aos livros. A organização das prateleiras tem primazia em relação à dinamicidade do incentivo ao empréstimo do livro aos seus leitores. A exemplo das bibliotecas de tantas escolas públicas cuja situação é descrita por Silva (1997):

[...] a maioria das escolas públicas brasileiras não possui biblioteca e as que possuem estão em estado calamitoso de funcionamento, seja em nível de organização, seja em nível de atualização de acervos. Esta aberração é complementada por uma distorção completa das funções da bibliotecária dentro da escola, pois geralmente a biblioteca é conduzida e controlada não por uma especialista, mas por uma professora em fase de se aposentar (SILVA, 1997, p.53).

É comum bibliotecas escolares fazendo apenas atendimento administrativo, com funcionários que não estão preparados para pensar e/ou agir pedagogicamente. É quase recorrente o fato de a biblioteca escolar ser antes um depósito de coisas, entre elas, o livro. Porém, outras escolas trabalham de forma diferente, valorizando o rico material que pertence ao espaço denominado biblioteca que se torna uma extensão da sala de aula.

O Colégio Motiva Ambiental dispõe de duas bibliotecas que funcionam de segunda a sexta, de 7h às 18h: a Biblioteca Infanto-juvenil Ariano Suassuna, que atende aos alunos do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio e a Biblioteca Infantil Maurício de Sousa, que atende aos alunos de Educação Infantil e Ensino Fundamental 1, numa interação permanente com a escola, contribuindo para a qualidade e desenvolvimento do aprendizado.

Para os educadores, a qualidade do desempenho escolar desenvolve-se melhor quando se pode contar com uma biblioteca dinâmica e participativa.

De acordo com o Manifesto IFLA/UNESCO (1999) para biblioteca escolar,

A biblioteca escolar (BE) propicia informação e ideias fundamentais para seu funcionamento bem sucedido na atual sociedade, baseada na informação e no conhecimento. A BE habilita os estudantes para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, preparando-os para viver como cidadãos responsáveis (IFLA/UNESCO, 1999. p. 1).

Sendo assim, é fundamental ter uma biblioteca no ambiente escolar que corresponda com as expectativas de ensino e resultados de aprendizagem que se quer obter no processo educacional. A biblioteca deve ser um espaço vivo dentro da escola. Os livros e outros materiais que favorecem a leitura ocupam a biblioteca esperando a pessoa ou a equipe que faça com que aqueles livros ganhem vida e se mostrem motivadores aos leitores/alunos da escola.

A Biblioteca Infantil Maurício de Sousa (BIMS) é um ambiente preparado para receber as crianças no início da fase escolar. Com uma presença lúdica e confortável, o local prioriza o encantamento da criança com os livros literários infantis. É um lugar aconchegante, agradável, bem iluminado, com acessibilidade e um bom espaço físico, pensado com o objetivo que os alunos possam se movimentar facilmente e se sintam motivados a visitá-lo.

As mesas são hexagonais com seis cadeiras de cores diferentes, e se espalham pelo espaço livre da biblioteca, dando oportunidade para a leitura tanto individual quanto compartilhada. Em sua decoração, foi pensado variações de cores no piso, paredes e estantes. Entre uma estante e outra, encontram-se painéis que servem de divisórias, contendo desenhos coloridos de personagens dos contos de fadas, das histórias de Maurício de Sousa e outros que estão presentes no “mundo da imaginação” existentes nos livros infantis.

Nas prateleiras, estão expostos aproximadamente 5.000 (cinco mil) livros, organizados de forma a serem explorados visual e manualmente pelas crianças com suas capas, artisticamente ilustradas, voltadas para frente, formando diversas colunas. As estantes exibem três prateleiras, em altura adequada, para serem usadas por crianças de cada fase escolar.

Os livros, quando são adquiridos para a biblioteca, são registrados (tombados) no acervo, de acordo com o processo de catalogação universal. Antes disso, eles passam por uma avaliação pedagógica que vai identificar e classificar o texto escrito e/ou ilustrado, segundo uma classificação de nível de possibilidade de compreensão, visando favorecer cada fase do aluno no processo escolar de leitura, seguindo alguns princípios de orientação leitora. Dentro dessa perspectiva organizacional dos livros, se prioriza o entendimento do leitor sobre o texto, orientando desde o primeiro momento, a sua escolha para ler, considerando a compreensão sobre o conteúdo lido. Segundo Bamberger (2000),

[...] Se quisermos inculcar o hábito da leitura, precisamos ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento e motivar a criança a ir ajustando o conteúdo de suas leituras à medida que suas necessidades intelectuais e condições ambientais forem mudando. É preciso fazer da leitura um hábito determinado por motivos permanentes, e não por inclinações mutáveis (BAMBERGER, 2000. p. 20).

Essa classificação é marcada na lombada do livro por uma fita colorida que, além de servir para arrumar os livros nas prateleiras, vai dar ao leitor um melhor direcionamento sobre as estantes onde seria mais adequada a sua escolha e também sobre onde deve ser inserido o livro ao devolvê-lo, facilitando a procura e a organização das estantes. Assim, os livros marcados com a fita de cor vermelha, são direcionados à leitura de crianças da Educação Infantil I, II, III e IV, com 1, 2, 3 e 4 anos de idade respectivamente.

Muitos livros indicados, na biblioteca, para essa fase escolar são conhecidos atualmente como “livro-brinquedo”: possuem textos ilustrados, dobraduras, texturas, apresentam formato de animais, podem ser classificados como livros de pano, de banho (plástico). Têm pouco texto escrito e abordam temas voltados ao aprendizado inicial das crianças, como: cores, números, letras, formas, contextualizando seus conhecimentos com aspectos da natureza e dos hábitos sociais. De acordo com Paiva e Carvalho (2011), o livro-brinquedo

[...] serve de exercício a experiências motoras, ajuda a construir habilidades e competências no manuseio e percepção expressiva daquilo que flui na hora da brincadeira, ou seja, na disponibilidade que o livro abre para o que se repete, o que se cria e o que se improvisa. Assim, a cada movimento de puxar, rodar, abrir, fechar, levantar, sentir, ouvir, tocar, a cada investida da criança que folheia, há aprendizado de ações que se repetem, mas que não são fáceis para a Educação Infantil, mantendo-se como desafios (PAIVA e CARVALHO, 2011, p. 14-15).

Diante da necessidade de serem explorados, os livros para a fase de Educação Infantil, ficam, na BIMS, nas prateleiras mais baixas das estantes, levando a criança a perceber, escolher e manusear durante o momento em que estão fazendo a dinâmica de leitura planejada pela professora. As dinâmicas envolvem leitura de imagens, em que eles acompanham nas ilustrações e dobraduras do livro, a ação do personagem, contação de histórias com fantoches, com aventais de contação, que são realizadas pela professora e/ou a mediadora de leitura. Assim, a criança interage com o acervo fazendo descobertas e iniciando seu processo de leitura.

Seguindo a classificação dos livros na BIMS, temos os marcados com a fita de cor lilás. Estes apresentam textos voltados para a fluência leitora das crianças que cursam Educação Infantil V (cinco anos de idade) e 1º ano do Ensino Fundamental 1, fase essa

destinada a alfabetização. Os livros demandados pela biblioteca para essa fase e além dessa apresentam textos com mais conteúdo escrito, e imagens (ilustrações) que contribuem para o seu entendimento, além daqueles em que as imagens contam outras histórias que interagem com o texto apresentado. As histórias são curtas, com gêneros e temas variados, como poemas, fábulas, contos de fadas, meio ambiente, etc., inquietando o leitor para os questionamentos e curiosidades. São histórias infantis que contextualizam os valores, ensinamentos sobre a vida, buscando informar a criança sobre o mundo que a cerca. É importante também que a criança nessa fase já tenha um conhecimento prévio sobre o que vai ler, para compreender o que está lendo, pois, segundo Solé (1998),

[...] é imprescindível o leitor encontrar sentido no fato de efetuar o esforço cognitivo que pressupõe a leitura, e para isso tem de conhecer o que vai ler e para que fará isso; também deve dispor de recursos – conhecimento prévio relevante, confiança nas próprias possibilidades como leitor, disponibilidade de ajudas necessárias etc. – que permitam abordar a tarefa com garantias de êxito; exige também que ele se sinta motivado e que seu interesse seja mantido ao longo da leitura (SOLÉ, 1998, p. 44).

Dessa forma, a leitura será significativa e o estímulo de continuar lendo estará ligado à compreensão leitora.

Seguindo o processo de organização dos livros nas prateleiras, aparecem na BIMS, os livros com a fita de cor amarela, que vão estar indicando ao leitor de 2º e/ou de 3º ano, os textos adequados a compreensão leitora deles. Na última prateleira (a de cima), ficam os livros com a fita de cor azul, que indicam a fluência leitora para crianças de 4º e/ou de 5º ano.

Essa organização favorece ao leitor a procura do livro que vai ler, na reposição ao local que estava antes na estante e estabelece uma intimidade com o lugar, dando à criança, que está em fase de formação leitora, liberdade de ir e vir entre os livros com respeito e disciplina.

A classificação dos livros considerando a compreensão leitora da criança, favorece o estímulo de ler e o processo de aprendizagem, amadurecendo o leitor durante o seu percurso de formação. De acordo com Bamberger (2000),

A boa leitura é uma confrontação crítica com o texto e as ideias do autor. Num nível mais elevado e com textos mais longos, tornam-se mais significativas a compreensão das relações, da construção ou da estrutura e a interpretação do contexto. Quando se estabelece a relação entre o novo texto e as concepções já existentes, a leitura crítica tende a evoluir para a criativa, e a síntese conduzirá a resultados completamente novos (BAMBERGER, 2000, p. 10).

Esse sistema de orientação para a escolha dos livros adequados a compreensão leitora, indicando nas prateleiras da biblioteca as cores para a sequência das séries, contribui favoravelmente para o movimento intenso das crianças na procura de livros literários com interesse para ler, contar e ouvir histórias.

A BIMS funciona através de normas estabelecidas pela equipe (bibliotecária, funcionárias, supervisão pedagógica e direção) que compõe o setor bibliotecário, considerando o horário de aula dos alunos que utilizam o seu atendimento. Dentro das normas para utilizar o espaço da biblioteca, estão as regras disciplinares, em que se priorizam as questões do comportamento dos usuários e o cuidado com o acervo. As normas para uso do acervo, vão estabelecer critérios para empréstimos e devolução de livros, uso de obras “cativas”, jornais, revistas, acessórios para contação de histórias como fantoches, aventais, teatrinho, e outros.

A organização e funcionamento da BIMS tem como referência o padrão exigido para as bibliotecas, no documento das diretrizes da IFLA/UNESCO (2005) para bibliotecas escolares, que busca satisfazer a qualidade do atendimento, contribuindo para o aprendizado dos estudantes, priorizando o cumprimento dos objetivos da escola. Sobre isso, as diretrizes da IFLA/UNESCO vem declarar que

A biblioteca escolar deve desenvolver uma ampla variedade de atividades e ter função-chave no cumprimento da missão e da visão da escola. Ela deve ter como objetivos o atendimento a todos os usuários potenciais da comunidade escolar e a satisfação das necessidades específicas dos grupos-alvo (IFLA/UNESCO, 2005, p. 16).

As atividades realizadas na BIMS, determinam funções técnicas e planejamentos pedagógicos trabalhados no dia a dia, possibilitando estratégias de ensino e aprendizagem satisfatórias ao desenvolvimento educacional.

As normas que regem sobre o uso do acervo na BIMS, são escritas em um manual informativo do estudante, que é entregue a cada aluno no início do ano letivo e contém informações sobre todo o programa, cronograma, avaliações, propostas e projetos a serem realizados durante todo o período de aula. As regras sobre o uso e cuidados com o livro, são estabelecidas pela biblioteca e ficam expostas em avisos criativos, que além de informar, divertem as crianças.

3.3 A MEDIAÇÃO DE LEITURA NA BIBLIOTECA INFANTIL MAURÍCIO DE SOUSA.

Além de seguir com o atendimento bibliotecário dentro das normas para uma biblioteca, a BIMS é um espaço da escola em que acontecem atividades de mediação de leitura, as aulas semanais de leitura, chamadas “momento de leitura”. Essa aula, com duração de 30 minutos, é planejada pela professora ou professor da série ou pela equipe da biblioteca.

O “momento de leitura” que acontece na BIMS é uma estratégia pedagógica que tem o objetivo de mediar o processo de formação leitora do aluno, aumentando o potencial de conhecimento sobre o assunto estudado e do universo de livros literários, não deixando de estimular o prazer e o desenvolvimento da leitura e escrita da criança. Neste contexto, Carvalho (2010) comenta que

A formação de leitores em grande escala, via escola, só ocorrerá se houver uma política de leitura, traduzida na adequada formação de professores-leitores, na oferta abundante de bons e variados materiais escritos, e na instalação de bibliotecas e salas de leitura bem equipadas, dinamizadas por bibliotecários (CARVALHO, 2010, p. 67).

Esse “momento de leitura”, que ocorre na biblioteca, envolve planejamentos didáticos, articulando o conteúdo estudado em sala de aula com a leitura de livros literários. Assim, por exemplo, em uma aula de Língua Portuguesa, que esteja sendo estudado o gênero textual fábulas, o(a) professor(a) orienta sua prática de leitura literária na biblioteca, lendo fábulas, podendo, assim, se estabelecer uma relação de construção entre os alunos e com o professor, durante a ação e, a partir dela.

Dentro da formação pedagógica necessária ao professor, a mediação de leitura prepara, amplia e aprofunda um trabalho que conjuga conhecimento técnico e sensibilidade frente à literatura. Ser um leitor habitual constitui-se como base indiscutível para favorecer despertar a atenção do aluno para que ele venha a gostar de ler. A criança que está na fase de letramento, enfrenta desafios na aprendizagem diante dos próprios questionamentos, inquietando-se por mais oportunidades para descobrir o seu potencial e suas habilidades. A biblioteca oferece condições de ampliar essa busca, revelando um melhor resultado na expansão das aptidões de ouvir, falar, ler e escrever.

A BIMS tem uma rotina de trabalho intensa. No que se refere aos “momentos de leitura”, estes acontecem em todos os dias da semana. A biblioteca, semanalmente, recebe todas as turmas de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, obedecendo a um horário estabelecido pela coordenação de cada segmento.

Os professores de cada ano elaboram e seguem um planejamento. Diversos temas, áreas de conhecimentos e gêneros textuais são inseridos na realização das aulas, podendo dar

continuidade ao assunto vivenciado em sala de aula ou não, ficando à critério da equipe de professores programar antecipadamente no plano de aula, a temática do “momento de leitura”. Essa estratégia pedagógica deslocando a turma para a biblioteca, amplia as possibilidades de motivação para a leitura e interpretação do aluno. Essas aulas, algumas vezes, focam no assunto que está sendo trabalhado na sala de aula, com os alunos. A literatura entra no processo de aprendizagem, contextualizando o tema abordado, estimulando a leitura e a escrita e possibilitando a compreensão na prática do letramento.

É preciso ressaltar que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho de construção de significado do texto, considerando os seus objetivos, o seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, e tudo o que ocorre no texto, que pode ser articulado com outras disciplinas e temas estudados. Além disso, ler implica na compreensão daquilo que vai se constituir na leitura propriamente dita, como percepção, reflexão, criticidade, aspectos denominados muito bem por Freire (1989) como “ato de ler”.

Os temas escolhidos para serem desenvolvidos nos “momentos de leitura” precisam estar de acordo com a própria realidade dos alunos, conhecida previamente, trazendo para o professor a oportunidade de trabalhar com textos literários, como fábula, gêneros provenientes do folclore, contos, textos que discutem o meio ambiente, textos instrucionais, poemas, textos epistolares, como bilhete, carta, poemas populares como o cordel. O trabalho com literatura vai retratar a história e a cultura da região, articulando o conteúdo com outras áreas de conhecimento e com o meio em que o aluno está inserido.

A escolha dos textos literários a serem lidos na biblioteca deve estar relacionada aos interesses dos alunos. Assim, o aprendizado acontece de forma espontânea e interativa, intercambiando com experiências trazidas no momento da aula, referentes a situações apresentadas pelo conteúdo do texto que se coaduna com a vida de cada participante. A partir dessa interação, os alunos têm possibilidade de construir sentidos a partir do texto trabalhado. A imaginação é mobilizada no sentido de recriar situações apresentadas e de conectar ideias que se relacionam com as histórias e tantos outros gêneros lidos, discutidos e compreendidos, trazendo novas propostas de construção. Além do mais, os textos literários trabalham os sentimentos, as emoções, as percepções, etc., permitindo a troca e compartilhamento de vivências e experiências, ampliando a visão do mundo que o rodeia.

Para Bamberger (2000),

Quando uma pessoa sabe ler, não existem fronteiras para ela. Ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo da tecnologia, na natureza, no espaço cósmico. Descobre também o caminho para a porção mais íntima da

alma humana, passando a conhecer melhor a si mesma e aos outros (BAMBERGER, 2000, p. 29).

É fato que a leitura de livros literários deve ser precedida de atividades que motivem os alunos a levantar questões a respeito de temáticas que fazem parte de seus interesses e que são relevantes à aprendizagem, para que, dessa forma, possa provocar debates, buscando assim, novos conhecimentos com o objetivo de enriquecer suas vivências, valores e atitudes. Os aspectos humanitários de vida e suas evidências no cotidiano devem ser constantemente estimulados, buscando sempre renovar as perspectivas de melhorar a autoestima e a capacidade de produzir conhecimento para si e para o próximo.

A BIMS realiza os empréstimos de livros que acontecem nos momentos em que o aluno não está assistindo aula. No período de intervalo, antes ou no final da aula, o aluno pode ir à biblioteca, escolher um livro para levar para casa por um número de dias determinado pelas normas de empréstimos. Essa ação pedagógica do empréstimo de livros estimula a autonomia, a responsabilidade, a capacidade leitora, além de dar direito de compartilhar o momento de leitura com a família. Proporciona, também, uma maior interação do aluno com a biblioteca, fazendo com que se torne mais conhecedor do acervo. Essa convivência cria um vínculo do aluno com a biblioteca, aumentando sua vontade e prazer de ler.

Segundo Bamberger (2000, p. 29), “um bom leitor não só encontra maior prazer nos livros, mas também pode pensar e aprender melhor”. Para isso, a BIMS desempenha o papel de mediadora de leitura e através de sua equipe de trabalho, desenvolve projetos pedagógicos durante todo o ano letivo, com o objetivo de, junto à escola, proporcionar ao aluno um acréscimo na capacidade de leitura e escrita, contribuir com a qualidade do ensino-aprendizagem, explorando as informações sobre as diversas áreas de conhecimento e a sociedade.

A BIMS entende que o professor-mediador, no papel de participar ativamente do processo de ensino, busca uma maior relação com o espaço da biblioteca, com efetividade na utilização dos livros, tornando a leitura um meio essencial para a realização de aprendizagens.

4. PROJETOS E VIVÊNCIAS DE LEITURA NA BIBLIOTECA ESCOLAR.

“Faz-se o caminho à medida que se vai caminhando”.

(Antonio Machado)

Neste capítulo discute-se ainda a presença leitora da biblioteca escolar no cotidiano da escola, agora em outro ângulo de discussão, expondo e analisando o trabalho de mediação de leitura desta pesquisadora. Observam-se aspectos do trabalho como mediadora de leitura na biblioteca, nessa escola-campo, desenvolvendo exitosos projetos pedagógicos de leitura, com os alunos da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Faz parte dessa análise, não só as ações desenvolvidas em apoio ao professor no sentido de escolher os livros para o trabalho com leitura na sala de aula, mas também as ações de mediação de leitura no espaço dessa biblioteca especialmente dedicada à literatura infantil.

4.1 A LEITURA EM FUNCIONAMENTO

A educação literária tem como principal objetivo adquirir o significado da literatura dentro do ambiente escolar, favorecendo a interação entre leitores e livros. É necessário orientar o processo de estabelecimento do gosto de ler, de preferência desenvolvido desde a infância, visando ao letramento literário (COSSON, 2014) durante uma atividade de leitura na biblioteca, se considere o tempo a ser dedicado à leitura autônoma, seguido de uma reflexão e discussão coletiva do tema abordado. Dando sequência à ação, que tenha espaço, nesses momentos, uma construção subjetiva do que foi compreendido da leitura. Esse processo pode ser realizado e avaliado em experiências com a linha de trabalho por projetos.

A BIMS, entendendo a importância de um trabalho voltado para o letramento literário, utiliza de forma direcionada, o acervo disponível, elaborando um planejamento anual que envolve, além do incentivo à leitura de forma “livre”, com o empréstimo de livros do acervo, desenvolve projetos de leitura que são realizados ao longo do ano, com a participação do quadro docente e funcionários da biblioteca.

A leitura incentivada de forma “livre”, busca possibilitar que a criança, em formação literária, na fase de letramento, possa explorar o acervo de maneira autônoma, mesmo que

orientada, segundo estratégias didáticas. Isso é realizado diariamente, no entra e sai das crianças da biblioteca, nos horários em que não estão em sala de aula. Nessa busca diária ao acervo, escolhendo um livro de sua preferência para ler em casa, compartilhando com a família ou não, a criança começa a estabelecer preferências por gêneros textuais, passa a reconhecer autores favoritos, criando aos poucos, uma intimidade com os livros, na construção do gosto pela leitura, demonstrando prazer em ler.

Para que isso ocorra de maneira adequada à competência do leitor, os livros devem ser colocados na prateleira considerando o grau de dificuldade do texto e a sua riqueza de significados para as respectivas fases de conhecimentos. Essa estratégia de orientação leitora, desenvolve uma consciência sobre os textos, informando ao leitor o necessário para satisfazer as expectativas do livro que escolheu. Nesse sentido, Colomer (2007), vem nos esclarecer que, no início desse processo de letramento literário,

As histórias devem ser curtas para não ultrapassar os limites da capacidade de concentração e memória infantil e para não exigir demais de sua confusa atribuição nas relações de causa e consequência (COLOMER, 2007, p.55).

A criança, no início de seu processo de leitura, dispõe de um tempo curto de concentração, e por isso, o texto curto favorece a uma leitura completa e compreensiva. Além desse aspecto, é possível observar que as histórias agradam quando seus personagens são animais, príncipes, princesas, bruxas, fadas e o tema voltado para a família, características que fazem com que o leitor se identifique e relacione a narrativa ao mundo mais próximo dele.

A prática de leitura por escolha livre na BIMS é intensa. Essa presença da criança na biblioteca pode ser diária, sendo o empréstimo de livros para levar para casa, um dos grandes recursos pedagógicos para incentivar a leitura. As funcionárias, mediadoras de leitura da BIMS, e professoras, trabalham juntas nesse processo de empréstimo de livro, aumentando a opção de ida à biblioteca durante o tempo disponível em sala de aula. As professoras incentivam a presença na biblioteca, enquanto as mediadoras de leitura orientam as escolhas dos leitores, que, por sua vez, têm liberdade de escolha de levar o livro desejado. Por exemplo, quando a criança termina a atividade de sala ou a agenda ela tem a opção de ir à biblioteca fazer um empréstimo de livro, colocando um crachá de identificação como leitor. Diariamente, na BIMS, entre alunos de educação infantil IV e 5º ano, são realizados uma média de 200 empréstimos.

Os empréstimos funcionam como parte importante no processo de estímulo para ler. Considere-se que as alternativas de leitura da BIMS são articuladas com a sala de aula pelos

projetos de leitura, planejados no início do ano letivo pela equipe pedagógica da biblioteca que inclui docentes, coordenadores e supervisores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Esses projetos de incentivo à leitura literária são planejados e elaborados de forma coletiva, pela equipe da biblioteca. Tendo a criança como foco principal, consideram como objetivos a serem alcançados: o estímulo à leitura e a escrita, o desenvolvimento da capacidade crítica e reflexiva, a interação com o acervo literário, a autonomia como leitor e o desenvolvimento da capacidade de interpretação dos textos lidos.

Os projetos de leitura da BIMS são realizados mensalmente e podem ter como tema proposto, uma data comemorativa, um assunto do cotidiano, gêneros textuais diversos que estejam relacionados com os conteúdos de sala de aula. Assim, por exemplo, no mês de abril, comemora-se, no dia 18, o dia Nacional do Livro Infantil, e nessa data realiza-se uma homenagem a Monteiro Lobato, pelo seu aniversário. Motivados pela data, festiva, a obra de Monteiro Lobato é evidenciada e inserida em projetos de leitura.

Alguns gêneros textuais, como a “fábula”, que é trabalhada no 3º ano, consta como conteúdo de Língua Portuguesa e são textos publicados por Lobato em sua obra; o texto “instrucional” é assunto de Língua Portuguesa do 2º ano e, nas receitas de Tia Nastácia, personagem do Sítio do Pica Pau Amarelo, trabalha-se esse gênero textual, despertando a curiosidade da criança, enriquecendo o vocabulário ao mesmo tempo em que se apresenta e realiza leituras da obra do autor.

Os projetos pedagógicos de leitura da BIMS, apoiando a sala de aula, entram em funcionamento na escola reforçando temáticas desenvolvidas através dos conteúdos curriculares, considerando também o cotidiano do aluno e o meio em que vive. O ato de ler, a capacidade de interpretar, o “ouvir” para reproduzir com a perspectiva de construir textos, são domínios a serem alcançados nessas atividades leitoras.

A mediação de leitura está constantemente associada à realização das atividades elaboradas nos projetos. De acordo com a teoria histórico-social de Vygotsky (1993), as interações sociais são essenciais para a constituição dos indivíduos e, ao longo da história da humanidade, o conhecimento acumulado ocorre num processo de “mediação” entre os indivíduos. No contexto escolar, essa perspectiva redimensiona a relação entre os envolvidos na mediação, o que implica no compartilhamento das ações, das discussões e comentários realizados durante o processo de construção do conhecimento, favorecendo as trocas, os diálogos, as ideias que vão se desenvolvendo.

No espaço da biblioteca, criar opções de aprendizado através de projetos, elegendo a mediação de leitura, propicia um vínculo entre o leitor, o mediador e os livros. Isso traduz interação e incentivo à leitura, junto ao aprendizado, às descobertas que vão acontecendo com maior liberdade entre as crianças. Para isso, a intervenção do mediador de leitura apresenta-se como de fundamental importância no processo de incentivo à leitura, como nos confirma Maia (2007) em suas palavras, quando refere-se ao professor nesse processo:

[...] o professor não é visto como portador de um conhecimento a ser transmitido a todo custo; antes, trata-se de um sujeito com mais experiência, com mais informação e que, portanto, tem a função de tornar acessível o conhecimento exigido, de impor desafios para que a criança dê saltos no aprendizado, incentivando sua curiosidade. (MAIA, 2007, p. 84)

Assim, a criança, mesmo contando com a sua subjetividade para descobrir seu gosto pela leitura, vai explorar sua habilidade de forma orientada, com atividades significativas, mediadas pedagogicamente. Terá estímulos e será incentivada a enfrentar desafios dentro de uma perspectiva de conteúdos que serão desenvolvidos também na biblioteca.

Os projetos pedagógicos da BIMS são elaborados considerando o conhecimento prévio adquirido pela criança na fase escolar em que se encontra. A criança deve ser incentivada a realizar novas descobertas, partindo de conhecimentos já vivenciados por ela sobre determinado assunto, considerando também seu contexto de vida. Dessa forma, a criança amplia sua visão de mundo, tornando-se cada vez mais curiosa, e esse aspecto vai conduzi-la a um melhor aprendizado.

Ouvir, falar, ler, escrever e interpretar são as principais competências consideradas nas propostas de projetos que são desenvolvidos na BIMS visando ao letramento, considerando o livro literário como inspiração pedagógica e ampliação da percepção da criança, também no que se refere à aprendizagem em todas as áreas do conhecimento. Os livros literários passam a ser ferramentas fundamentais, integradas ao processo de aprendizagem, capacitando a criança em toda a sua formação, como bem nos explica Colomer (2007) quando afirma que

Os resultados já obtidos nesta linha de estudos deveriam estimular a escola a dedicar mais atenção à leitura de obras integradas (reduzindo o tempo dedicado a trabalhar as habilidades leitoras desintegradas), a aumentar a conexão entre leitura e escrita (invertendo os termos, inclusive) e a deixar de considerar o material de leitura como uma substância neutra denominada “textos” para aceitar que tipo de livros lidos determinam o leitor que se forma (COLOMER, 2007, p. 108).

Além disso, acrescenta Colomer (2007), os dados quantitativos evidenciam um crescimento da leitura por crianças que são incorporadas aos projetos sociais de leitura, numa

dimensão participativa, diante da popularidade alcançada pelos livros atualmente, e com a intervenção adulta, mediando os projetos.

4.2 PROJETO DE LEITURA – MEDIANDO A FORMAÇÃO LEITORA

A leitura de livros pode ser estimulada de múltiplas formas dentro de um processo de organização em cada contexto escolar. Os momentos de leitura na BIMS, são realizados considerando, como já discutido anteriormente, uma série de critérios básicos, tanto pela equipe pedagógica - mediadores de leitura - da biblioteca, como pelos professores, que também são incentivados a atuar como mediadores entre as crianças e os livros e que são diretamente responsáveis pela ministração dos conteúdos a serem explorados, que constam do planejamento anual de cada ano escolar.

Alguns projetos podem ser evidenciados no processo de aprendizagem significativa de letramento do CMA, como o já citado Projeto Giroletras, que trabalha o estímulo à leitura com alunos de Educação Infantil e do Ensino Fundamental anos iniciais. Na BIMS, vamos evidenciar projetos que estão envolvidos com a aprendizagem e formação leitora para essa mesma fase escolar, como: *Projeto Sarau Poético*; *Projeto Era uma vez...*; *Dicas de leitura*; *Mostra de tirinhas*; *Projeto Contos e Recontos*; entre outros.

O Projeto Sarau Poético leva a criança a vivenciar o mundo da poesia. No rico acervo de literatura poética da BIMS, é selecionado pelas funcionárias/mediadoras de leitura e um professor, poemas de grandes autores brasileiros que, colocados numa caprichada caixa, são escolhidos para serem declamados pelas crianças, explorando a compreensão leitora e os sentimentos que são tocados pelos versos.

O Projeto Era uma vez... é um trabalho que utiliza o tempo das aulas semanais na BIMS da Educação Infantil e do Ensino Fundamental anos iniciais, para incentivar a formação leitora por meio de contação de histórias. Participam dessas contações, além dos professores, aqueles com quem as crianças mantêm convívio social e afetivo – funcionários da escola, coordenadores, supervisores, pais, mães, avós, alunos de outros segmentos – convidados que vão interagir, escolhendo um livro do acervo, para contar, de seu jeito, as histórias da literatura infantil.

O Projeto Dicas de leitura fornece, através dos leitores que mais atuam na BIMS, sugestões sobre os livros lidos que mais gostaram, orientando os colegas que estão iniciando o processo de leitura. Essas informações são expostas inicialmente em um painel e, depois, reunidas em arquivo para consultas.

O Projeto Mostra de tirinhas, estimula o leitor, a participar da criação de uma tirinha cujo tema é escolhido pela equipe pedagógica da biblioteca. Os leitores interessados, comparecem à biblioteca para pegar um formulário próprio para a exposição do trabalho. Os alunos podem desenhar e produzir textos através de tirinhas e expor seus talentos em um painel.

Apresentaremos e discutiremos nesse tópico, como parte integrante do processo de ação desta pesquisadora atuante, um dos projetos de leitura que tem sido trabalhado nessa intenção do letramento literário, realizando atividades de mediação com leitores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, e que faz parte do planejamento mensal de aula da BIMS, o Projeto Conto e Reconto.

O Projeto Conto e Reconto nasceu com a perspectiva de trabalhar os contos clássicos, histórias tão conhecidas pelas crianças desde o início de sua vida leitora. Oralmente ou pela leitura de alguém, os “contos de fadas” embalam a imaginação, ensinam valores, promovem identificações e, às vezes também assustam as crianças com seus monstros, bruxas e personagens malvados. Tanta emoção envolvida nas histórias dos contos é base para estimular a leitura individual, compartilhada e a escrita, recriando textos com muita criatividade e humor pelo público-alvo que são as crianças em processo de formação leitora. Colomer (2007) reforça essa colocação, quando diz:

[...] se ler literatura serve para aprender a ler em geral, escrever literatura também serve para dominar a expressão do discurso escrito; concretamente, escrever literatura – contos, poemas, narrativas feitos individual ou coletivamente – permite que as crianças compreendam e apreciem mais, tanto a estrutura ou a força expressiva de seus próprios textos, como a dos textos lidos COLOMER (2007, p.162).

Portanto, ler e escrever contos são atividades que vão proporcionar à criança maior desenvolvimento na criação de textos autônomos e maior interesse sobre a leitura em busca de conhecimentos que lhes tragam respostas para a construção literária, além de atrair a curiosidade sobre as histórias do imaginário que se identificam com o mundo real.

Através de contação de histórias, evidenciando os clássicos infantis escritos por Charles Perrault, Irmãos Grimm e Andersen, como A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, O Pequeno Polegar, O Patinho Feio, Os Três Porquinhos e outros, o Projeto Conto e Reconto propõe apresentar para as crianças o reconto do conto correspondente, provocando na criança uma atenção interpretativa.

No primeiro momento da atividade, que ocorre num tempo total de 30 minutos, a mediadora da BIMS intervém fazendo uma contação de história de um conto de fadas, como por exemplo, A Bela Adormecida. Logo em seguida, buscando atrair a atenção das crianças numa prévia conversa divertida e questionadora, é realizada uma contação do reconto literário chamado A Bela Desadormecida. A história escrita por outro autor vai ter a característica do conto original, trazendo sutilezas na linguagem com passagens perceptíveis engraçadas e que inquieta a criança na tentativa de fazer descobertas no sentido de identificar aproximações com o conto anteriormente apresentado e, por vezes, já conhecido das crianças.

No final do momento de contação, é lançado um desafio para a turma que ouviu as histórias: irão produzir um texto coletivo, discutindo e idealizando, nos momentos de leitura em sala de aula ou na biblioteca. Essa produção será um reconto de um conto de fadas que poderá ser escolhido pela professora e pela turma, valorizando desde o princípio, o trabalho em grupo. O reconto deve seguir alguns comandos: dar outro título, introduzir um super-herói, mudar o lugar onde a história acontece, ilustrar a história e criar outro final. Esses comandos vão guiar o novo caminho da produção textual e valorizar as características principais que devem ser mantidas na história.

Outros elementos podem surgir durante a realização do trabalho, pois é importante instigar as crianças a pensar, combinar estratégias que sejam adequadas ao contexto da nova história, valorizando o produto final que será, depois de pronto, um “livro”, com texto escrito, ilustrações realizados por elas, encadernado, que fará parte do acervo da BIMS. Essa proposta encanta e orgulha os novos autores, que vão poder mostrar, à comunidade escolar, o resultado do trabalho no espaço de leitura, colocando a produção deles entre os livros de outros autores tão evidenciados por eles.

Esse projeto apresenta estratégias de praticar a leitura e a escrita dentro do processo de aprendizagem que se deseja trabalhar na biblioteca. Envolve em seu objetivo mais geral o estímulo à leitura e escrita, mas ao ouvir histórias, podemos pensar no coletivo, na leitura partilhada entre o contador e a plateia cativa e questionadora que se empolga com as expressões e vozes que marcam as características dos personagens. “Contar histórias” é uma ação motivadora para preparar os leitores para os livros, como bem nos fala Silva (2009):

O contador de histórias sabe que seu papel é levar o ouvinte a tornar-se leitor, por isso, além de proporcionar-lhe um entretenimento na hora da contação, presta-lhe também informações sobre o livro onde a história se encontra, o nome de seu autor, a editora que o publicou. Além disso, a contação é fiel ao texto escrito, repetindo palavras do autor, conservando seu estilo inalterado (SILVA, 2009, p. 35).

Podemos observar que a criança que ouve muitas histórias tende a repetir comportamentos e modos de contar do adulto e aos poucos se apropria de atitudes, gestos e formas de dizer, criando uma postura de leitor. Desse modo, contar histórias para criança não é algo banal, sem importância, usado apenas para entretê-la. Abramovich (1991, p. 16) reitera que “é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo”. A autora destaca a importância de a criança ouvir muitas histórias para formar o seu repertório de narrativas e construir referências de leituras e de comportamento leitor.

O mediador de leitura para se apresentar como contador de histórias, além de ler e de conhecer livros literários, deve se preparar antecipadamente à contação, ter um conhecimento prévio do material – livro e acessórios - que estará utilizando, e memorizar o texto, dando ênfase aos personagens. Isso fará do encontro entre o contador e os ouvintes envolvidos, um momento inesquecível, com emoção, interação e aprendizagem.

Na vivência do projeto, realizada na BIMS, as contações acontecem em lugar privilegiado da biblioteca, num espaço reservado, com detalhes na decoração que valorizam o ato de contar. Um trono de rei e acessórios como fantasias de princesas, príncipes e bruxas, coroas, chapéus, e outros objetos, evidenciam os personagens e fazem com que os momentos vividos na história fiquem marcados na lembrança da criança por muito tempo, podendo mesmo ser lembrados por todo o tempo de sua vida.

Como um leitor privilegiado, o mediador de leitura tende a ser uma ligação entre as crianças leitoras e o mundo imaginário que está contido na narrativa, trazendo informações significativas sobre o contexto do livro abordado. Na verdade, o mediador de leitura durante uma contação de histórias ou através de outra atividade programada, é aquele que consegue despertar o “bichinho” da leitura que a criança tem bem lá dentro de si e que por muitas vezes está adormecido.

O contador de histórias também exerce, durante a mediação leitora, uma participação democrática convivendo com as crianças que estão ali presentes, sabendo ouvir suas opiniões, críticas, preferências sobre o que está sendo apreciado na história ou em temas que podem ser debatidos e que constam no livro trabalhado. Essa atitude durante o processo de contação, irá trazer interação entre o contador e o ouvinte, fornecendo subsídios para a compreensão mais ampla da história, constituindo possibilidades de aproximar afetivamente as pessoas, o que é fundamental para o desenvolvimento de comportamentos éticos e de uma percepção estética

mais apurada. Além disso, essa convivência em torno dos livros, dos textos, das temáticas abordadas provoca trocas de informações e prazer para os participantes.

Nesse momento de interação entre mediador – plateia, a pesquisa favoreceu observar que a criança, em interação com outras, em atividades de cooperação descobre o significado de palavras que até então não conhecia e compartilha ideias em contextos culturalmente ricos que, segundo Colomer (2007), beneficiam a prática de leitura e permitem extrair um maior rendimento escolar. Podemos dizer que nessas práticas interativas de leitura acontece o processo estudado por Vygotski (2001), o conceito de zona de desenvolvimento proximal, uma vez que podemos conceber a roda de contação de histórias como oportunidade de transformação e desenvolvimento da criança através da ajuda do mediador e dos colegas, e sem dúvida, de sua capacidade de imaginar.

Dando continuidade ao momento de realização do Projeto Conto e Reconto, na BIMS, após a contação de histórias de um conto de fadas escolhido e de um reconto, o mediador pode provocar debates sobre os temas abordados na história que possam ter referências no cotidiano das crianças, por exemplo, valores como a honestidade, a amizade, a colaboração, que vão contribuir para a formação ética e social das crianças.

É possível descrever a reação dos alunos após o desafio lançado. Muitos já saem da biblioteca trocando ideias sobre como será a história, qual será o nome, criando personagens engraçados e que vão dando forma ao conteúdo do texto por eles abordado. A partir daí, os alunos devem realizar a atividade dentro de uma consciência literária conquistada na compreensão do que ouviram da história inicial contada anteriormente. Essa experiência de produzir um texto coletivo, com a criação de imagens (desenhos ilustrativos), inserindo no resultado a colaboração de todos, proporciona uma satisfação ampla e afetiva de estímulo a leitura. Como nos diz Colomer (2007),

Compartilhar as obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas (COLOMER, 2007, p. 143).

Ainda mais, é possível observar que, quando a atividade de produção textual está associada à leitura dos contos, muitos alunos mencionam uma relação de proximidade com o período da primeira infância. Nessa fase, a maioria deles ouviam essas histórias contadas pelos pais, avós e outros familiares, e o fato de reviverem esses momentos de prazer

influencia a atividade de escrever a história que ouviram durante o início da vida, de uma outra forma, inserindo o “jeito deles” no reconto. Sobre essa influência do leitor sobre o conteúdo do livro, Bamberger (2000) vem acrescentar que:

Cada leitor lê de modo diferente e tira do livro especialmente aquilo que o atrai e o que corresponde aos seus interesses. A discussão acerca do que mais o impressionou e da sua interpretação pode ser altamente informativa. (BAMBERGER, 2000. p.60)

Portanto, quando o professor trabalha coletivamente a produção textual com os leitores de uma turma, como propõe a atividade programada pelo mediador do projeto de leitura Conto e Reconto, vai se confrontar com muitas possibilidades, ideias que vão ser despertadas na turma para contribuir na construção do texto recontado, tornando-se importante a mediação do professor nesse processo. É nesse momento, quando os alunos se colocam sobre o texto, mostram a sua compreensão sobre o que foi lido e debatido sobre a leitura e depois trabalham com a palavra escrita, que eles tem espaço para colocar a sua subjetividade, adquirida com a prática da leitura.

Magda Soares (2005, p. 20) defende que “o papel do professor é intermediar o contato do aluno com a escrita e a leitura, colocar o livro disponível e orientá-lo no seu uso, no seu convívio com o material escrito”. A consciência do educador tem que estar voltada à forma como serão desenvolvidas as atividades referentes à leitura, pois dependerá da escolha e da maneira como o profissional da educação conduzirá este momento, para que cause nos alunos o encantamento e o prazer pela leitura e o interesse em escrever a partir do que leu.

Nessa perspectiva de trabalhar a literatura contando histórias, o mediador pode fazer com que os alunos alcancem conhecimentos de áreas distintas e afins, assim como podem adquirir uma melhor compreensão de mundo, tão necessário para sua formação. Abramovich (1991), nos diz que:

[...] é através de uma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Política, Sociologia, sem precisar saber disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula [...] (ABRAMOVICH, 1991, p. 17).

Assim, a autora nos mostra, que a literatura pode informar sobre diferentes aspectos das áreas de conhecimento sem, no entanto, mudar a característica da linguagem desenvolvida nas histórias. São descobertas que vão sendo colocadas de forma prazerosa, poética, divertida e que, muitas vezes se identificam com o contexto em que está inserido o leitor, instigando a curiosidade e contribuindo para a aprendizagem.

A mediação de leitura planejada, considerando como fundamental o espaço da biblioteca para realização de trabalhos direcionados à leitura e a escrita de alunos na formação leitora, proporcionará um aprendizado significativo, amplo, com recursos lúdicos e interessantes.

Como já foi citado, no Projeto Conto e Reconto, os alunos que concluem o reconto, vão poder colocar o “livro” na biblioteca, como forma de participar do acervo e ser compartilhado com os usuários que frequentam o espaço. Antes, porém, é dada a eles a oportunidade de fazer a contação da história que construíram durante um momento de leitura. Para esse momento, os alunos com a professora, podem preparar uma apresentação em que alguns possam participar contando e outros ouvindo. Dessa forma, é possível fazer uma avaliação de aprendizagem das crianças sobre o trabalho realizado, tanto de forma coletiva como individualmente.

4.3 BIBLIOTECA ESCOLAR: UM CAMINHO PARA A FORMAÇÃO LEITORA

Discutimos até agora a importância da biblioteca escolar para um melhor desenvolvimento da aprendizagem. Desde a organização do acervo, adequando a literatura à evolução cognitiva da criança criando e utilizando estratégias mediadoras de leitura, buscando discutir a compreensão de que a biblioteca escolar deve ser concebida como um setor “vivo” na escola e precisa ser utilizada de forma significativa para o desempenho e competência leitora dos alunos. Sabemos também que o letramento ocorre nos primeiros anos de vida escolar e deve ser contextualizado com o espaço em que o aluno está inserido, aumentando assim, seu poder de compreensão sobre o mundo que o cerca.

Esses princípios pedagógicos que se encontram à disposição do educador, na biblioteca escolar, norteiam e edificam a qualidade da aprendizagem, dando suporte para trabalhar assuntos do cotidiano da criança. As histórias que envolvem situações da realidade, dentro de uma linguagem imaginária, faz com que a criança se identifique com o texto escolhido e comece a buscar explicações para compreender não só o que leu, mas também aspectos do mundo que habita.

Esse encontro entre a criança e os livros, muitas vezes, resulta em conflitos complexos, por tratarem de narrativas que estão presentes frequentemente na vida de cada um. Diante disso, Teberosky e Colomer (2003), confirmam que

Os livros para pequenos leitores têm propiciado uma identificação realista, com cenários cotidianos e circunscritos ao cenário doméstico, escolar ou popular. Nas histórias para leitores iniciantes, já é introduzida a aventura, através de figuras literárias de piratas ou de bandidos, ou é desenvolvida a fantasia moderna, associada a uma tradição bem diferente daquela presente nos contos populares (TEBEROSKY e COLOMER, 2003, p. 163).

Nesse ponto, a literatura infantil contribui para a criança identificar problemas e procurar soluções de maneira mais dialogada com os personagens e temas vivenciados nas histórias. Assim, quando ela se confronta com os problemas e dificuldades narrados na história que está lendo, tem uma maior consciência sobre seus conflitos, passando a ter maior interesse em encontrar soluções. De acordo com Alves, Espíndola e Massuia (2011):

[...] as histórias constituem um significado especial ao universo infantil, pois, através de sua narrativa, fornecem elementos favoráveis para que os pequenos se organizem internamente. A sua própria estrutura – começo, meio e fim – sugere ao leitor caminhos para compreender seus sentimentos e resolver seus conflitos. Essa é uma boa explicação para o fato de as crianças se interessarem tanto pelas histórias (ALVES, et. al. 2011, p. 102).

Dessa forma, a criança que acompanha, lendo ou ouvindo as histórias, tendem a perceber os medos e enfrentar as dificuldades de sua vida, descobrindo respostas para vários questionamentos criados na sua imaginação. Ainda, segundo as autoras (ALVES, et. al. p.103), “o sonho e o imaginário são excelentes instrumentos para a criança se desenvolver de forma equilibrada e harmoniosa”, contribuindo também para a superação de seus conflitos internos. Nessa perspectiva, a base formadora da criança ganha significados diferentes que vão ajudar a fortalecer sua subjetividade.

A literatura infantil é rica em conteúdos informativos, em aventuras, contos, poemas, lendas, fábulas, textos carregados de surpreendentes desfechos que se instalam na realidade das crianças, gerando pra elas experiências e conhecimentos. A biblioteca escolar vincula a criança a esse “mundo dos livros”. A mediação de leitura planejada e realizada, segundo objetivos determinados, utilizando recursos, estratégias e projetos didáticos, acrescenta saberes e condições para que ela se aproprie de muito mais possibilidades de expressão em múltiplas linguagens. Para isso, é preciso imprimir movimento às ações leitoras propostas, buscar sempre novos meios de chegar a esses leitores em formação e encantá-los com a leitura.

O trabalho de quem faz a mediação leitora na BIMS acontece desde o primeiro momento do dia, quando o setor abre, às 7 horas. O encontro com os leitores, que diariamente aguardam na porta de entrada da biblioteca, traz prazer e entusiasmo para todos que

compartilham o simples estar nesse espaço e se perceber ao alcance dos livros. Os leitores se revezam, entrando e saindo da biblioteca durante o dia, num processo contínuo, seja com o crachá de empréstimos, participando das aulas que acontecem na biblioteca, denominadas ‘momento de leitura’, nos intervalos das aulas, na vivência dos projetos, sempre demonstrando expectativas e fazendo descobertas prazerosas nos livros e leituras.

Tanto quem faz a mediação de leitura quanto quem explora o ambiente da BIMS, está ciente de que a rotina nunca se instala naquele lugar privilegiado que é a biblioteca da escola. Além de ser uma biblioteca atrativa pela quantidade e qualidade de opções literárias, apresenta também um belo colorido que se espalha nas formas que ocupam o espaço. As dinâmicas vivenciadas entusiasma e cativa a criança leitora.

Na ação de mediar, é preciso estar atento ao leitor e sempre disponível a corresponder-lo, estimulando-o com sugestões, ajudando-o a descobrir o seu autor ou gênero literário favorito, contando histórias, interagindo e dialogando sobre algum livro lido, orientando-o na escolha de um livro para pegar por empréstimo, participando das novidades literárias, enfim, fazendo com que esse leitor se interesse por ler e sempre deseje conviver em espaços de leitura. Esses são momentos e oportunidades de conquistas, trocas, curiosidades e descobertas, que vão tomando forma durante o processo de comunicação do leitor com o acervo, na maioria das vezes em situação de mediação.

É comum o leitor sentir dúvidas sobre o que escolher pra ler. À medida que ele vai “caminhando” entre os livros, aproximando-se, folheando-os, olhando as capas e se identificando com as histórias, vai se tornando mais criterioso, adquire mais intimidade com as palavras, compreende melhor a mensagem do texto, desenvolvendo assim, significativamente, sua aprendizagem de como agir como leitor habitual, aquele que frequenta bibliotecas e livrarias, que lê e compra livros.

Quando a criança está sendo apoiada em sua formação leitora, lhes são apresentados livros e autores. Na BIMS, as crianças, a princípio identificam-se com autores como Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Eva Furnari, Ziraldo, entre outros que são muito recomendados por apresentarem uma linguagem simples e tratarem de questões relacionadas a essa fase escolar e às faixas etárias correspondentes à Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental. Dessa forma, quando é direcionada a ouvir e ler muitas histórias, a criança já faz considerações e comparações entre os livros, mostrando uma preferência fundamentada em seu próprio critério de leitura.

Segundo Colomer (2007, p. 148) “a leitura se relaciona de alguma maneira com as atividades compartilhadas”. Por isso, é importante que os leitores socializem, busquem os

debates para uma melhor compreensão e interpretação sobre o que que foi lido, trazendo ao professor e/ou mediador, a oportunidade de desenvolver as competências necessárias ao processo de letramento. Diante disso, Colomer (2007) vem nos afirmar que:

[...] trata-se de criar espaços de leitura compartilhada nas classes, como lugar privilegiado para apreciar com os demais e construir um sentido entre todos os leitores. Realizar estas atividades ajuda, de imediato, a compreensão das obras e proporciona uma aprendizagem inestimável de estratégias leitoras, já que cada criança tem a oportunidade de ver a forma em que operam as outras para entendê-las (COLOMER, 2007, p. 148).

É um estágio em que a criança desenvolve a criticidade, aprende a se posicionar sobre determinados conceitos e valores, dialogando com os colegas e favorecendo a compreensão sobre o assunto abordado na leitura. Dessa forma, o leitor utiliza conhecimentos de senso comum para suscitar significados que aparecem implícitos no texto que o interessa, fazendo uma relação entre o imaginário e o real.

A partir dessa interação, a criança tem possibilidade de construir pensamentos, conectar ideias que se relacionam com as histórias lidas e compreendidas, trazendo novas propostas de construção. Além do mais, os textos literários trabalham os sentimentos, as emoções, as percepções, etc., permitindo a troca e compartilhamento de vivências e experiências, ampliando a visão da criança diante do mundo que a rodeia.

É atuando num processo de incentivo, orientação e articulação, que a mediação de leitura mostra ao leitor que o fato de relacionar a vida com as descobertas realizadas no livro, pode ser uma fonte inesgotável de prazer e de conhecimento, permitindo mudar a visão de mundo, fazer uma reavaliação dos sentimentos, resolver conflitos, elaborar perguntas e encontrar respostas, conhecer novos mundos sem sair do lugar, buscando em cada livro, novos livros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões desenvolvidas e fundamentadas neste trabalho, podemos reafirmar a importância da biblioteca escolar, que se integra ao conjunto de ações pedagógicas desenvolvidas na escola, mediando a formação dos alunos como leitores, contribuindo como mais um recurso no ensino e aprendizagem da criança na sua fase de letramento. A biblioteca na escola é um setor necessário, diante das possibilidades que surgem no trabalho que é propiciado com a literatura, no incentivo orientado à leitura e à escrita, elementos essenciais na educação literária e na formação das novas gerações.

Neste trabalho de conclusão de curso, buscamos sistematizar ações de mediação de leitura realizadas no espaço da biblioteca em uma escola particular (CMA). Para isso, tratamos, na primeira parte, de explorar conceitos sobre letramento e mediação de leitura, voltados à leitura literária, para entendermos sobre os elementos que fundamentam a preparação do educador que planeja o uso da literatura e da biblioteca em seu dia a dia da escola, buscando melhorar a qualidade do ensino. Como vimos, a leitura amplia formas de comunicação, tornando possível a interação e o diálogo por meio de diversos textos. Já o mediador, posiciona-se entre o texto e o leitor, apoiando e orientando as escolhas dos textos que os leitores venham a fazer, interagindo, orientando para favorecer a leitura. Assim, a relação da literatura com a leitura e a escrita transforma-se em aprendizado.

Em seguida, discorreremos sobre as instalações e planejamentos de uma escola da rede privada, destacando a biblioteca infantil, que tem o papel fundamental para que as crianças se envolvam com a literatura e seus encantos. Ficou claro que a biblioteca deve ser um espaço organizado para estimular a leitura e a escrita, realizando projetos pedagógicos, utilizando recursos como contação de histórias, empréstimos de livros, entre outros, proporcionando ao leitor, além do conhecimento literário, informações, socialização, importantes na fase de letramento.

No terceiro e último capítulo, nos detivemos nos relatos vivências e experiências de projetos que são realizados na biblioteca em questão, com o intuito de detalhar um modelo de ação pedagógica que utiliza a mediação de leitura como um meio de orientar o processo de leitura e contribuir para o letramento. Assim, as abordagens feitas neste trabalho são relevantes para compreendermos as propostas realizadas. Compreende-se que a leitura literária, além de desenvolver o aprendizado da escrita e da leitura, proporciona um desenvolvimento crítico e reflexivo do educando, consolidando-se como um importante recurso para a sua inserção no meio social.

A realização deste trabalho viabilizou a sistematização registrada por escrito do trabalho desenvolvido na biblioteca da escola onde essa pesquisadora atua como mediadora de leitura. Considerando a observação desenvolvida de forma mais acurada e mais a experiência adquirida por essa pesquisadora atuante nesses últimos anos de trabalho, mediando a leitura literária na BIMS, sendo agora fundamentada pelos autores estudados, é possível concluir que a introdução do ensino literário para a criança, nos anos iniciais de sua vida escolar, vem contribuir como um recurso importante para o desenvolvimento da aprendizagem. Contribui também para formar sua autonomia, percepção e uma melhor compreensão sobre as coisas que a rodeia.

A experiência acumulada atuando na biblioteca estudada, a pesquisa desenvolvida, segundo pressupostos teóricos abordados, evidenciaram que o letramento literário realizado desde a infância favorece o desenvolvimento da capacidade de falar com desenvoltura, de ouvir com atenção e de ler com compreensão, além do favorecimento da escrita, evidenciando também os aspectos linguísticos e culturais necessários à formação dessas crianças. Assim, a leitura literária dá à criança uma sustentação maior para a sua preparação escolar e social, colocando-a conhecedora de valores essenciais à sua formação ética e cidadã.

É importante ressaltar que, a teoria discutida e fundamentada nas páginas desse trabalho, fortalece as práticas diárias de vivências de uma pedagoga que obteve, dentro de um processo de observação, pesquisa e atuação, resultados positivos em trabalhar a literatura infantil, empregando os princípios aqui abordados e utilizando recursos que atraem as crianças aos livros, de forma lúdica e prazerosa.

Durante o tempo de experiência dessa autora, elaborando planejamentos e realizando projetos pedagógicos de leitura, de forma mediadora, foi possível perceber que o potencial alcançado sobre o desenvolvimento das crianças tem sido efetivo. É um trabalho engrandecedor no sentido de satisfazer ao profissional da educação, que procura meios para melhorar sua atuação no dia a dia de rotina da escola, contribuindo de maneira significativa para a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1991.
- ALVES, Aletéia Eleutério; ESPÍNDOLA, Ana Lúcia; MASSUIA, Caroline Sanchez. **Oralidade, fantasia e infância**: há lugar para os contos de fadas na escola? In: SOUZA, Renata Junqueira; TAGLIARI, Berta Lúcia (org.). *Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2011.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 7ª ed. São Paulo: Unesco, 2000.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis: Vozes, 2010.
- COLOMER, Teresa. **Andar entre livros**. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura**: velha crise; novas alternativas. São Paulo: Global, 2009.
- _____. **Letramento literário**: educação para a vida. *Vida e Educação*, Fortaleza, v. 10, 2006.
- _____. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- DELORS, Jacques et al. **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez, 1998.
- Diretrizes da IFLA / UNESCO para a biblioteca escolar**, 2005. Disponível em: <http://www.ifla.org/VII/s11/pubs/sguide02.pdf> Acesso em: 12 de abril de 2017.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.
- _____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GADOTTI, Moacir. **Educação popular e educação ao longo da vida**. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELIV_Gadotti.pdf Acesso em: 27 de março de 2017.
- GARCIA, Edson Gabriel. **A leitura no meio do caminho**. In: *Prazer em Ler*. Instituto C&A, 2006. Disponível em:

http://institutoce1.dominiotemporario.com/instituto/site/content/atuacao/prazeremler/materiais_de_apoio/material_de_apoio.aspx Acesso em: 18 de abril de 2017.

GARCIA, Edson Gabriel. **O mediador de leitura**. In: Prazer em Ler 2. Instituto C&A, 2007. Disponível em:

http://institutoce1.dominiotemporario.com/instituto/site/content/atuacao/prazeremler/materiais_de_apoio/material_de_apoio.aspx Acesso em: 25 de abril de 2017.

LEFFA, Vilson José. **Aspectos da leitura**. Porto Alegre: Sangra – Luzzatto, 1996.

Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar. 1999. Disponível em: https://www.ifla.org/files/assets/school.../school-library-guidelines-pt_br.pdf Acesso em: 12 de abril de 2017.

MAIA, Joseane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura?** 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MILANESI, Luís. **O que é biblioteca**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PAIVA, Ana Paula; CARVALHO, Amanda Carla Minca. **Livro-brinquedo, muito prazer**. In: SOUZA, Renata Junqueira; TAGLIARI, Berta Lúcia (org.). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca Escolar**. Brasília: Universidade Brasília, 2007.

Revista Criança do Professor de Educação Infantil “**O prazer da leitura se ensina**”. Ministério da Educação-Coordenação Geral da Educação Infantil-DPE/SEB, Brasília/DF, setembro 2005.

SARTRE, Jean Paul. **Que é a Literatura?** São Paulo: Ed. Ática, 2004.

SCHWARCZ, Lilia M. **A longa viagem da biblioteca dos reis**. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e realidade brasileira**. Porto alegre: Mercado Aberto, 1997.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. **Letramento e Alfabetização: as muitas facetas**. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de alfabetização, Leitura e Escrita, Revista Brasileira de Educação, outubro de 2004.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira; TAGLIARI, Berta Lúcia (org.). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. São Paulo: Mercado das Letras, 2011.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever:** uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VYGOTSKI, Lev S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Pensamento e linguagem.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.